

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A Comunicação do bebé até à aquisição da Linguagem
Verbal**

Cláudia Alexandra Pires Fernandes

Julho de 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

A Comunicação do bebé até à aquisição da Linguagem Verbal

Cláudia Alexandra Pires Fernandes

Relatório Final de Mestrado,
no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionado

Realizado sob a orientação
Mestre Manuela Fonseca

Lisboa, Julho 2013

Agradecimentos

O trabalho de investigação levado a cabo, não teria sido possível sem o apoio incondicional e incentivo dos que me são mais próximos e que me acompanharam nesta longa e árdua caminhada. Foram algumas pessoas que solidariamente colaboraram e coperaram, direta e indiretamente, neste trabalho. Por tudo isso tenho de expressar-lhes o meu enorme agradecimento.

Agradeço à professora Manuela Fonseca pela sua sabedoria, orientação, disponibilidade e por todo o apoio prestado no decorrer de toda a investigação.

Um grande obrigado à professora Raquel Delgado, pela forma competente e amiga como me acompanhou no decorrer da PES (Prática de Ensino Supervisionada).

Agradeço aos professores das Unidades Curriculares correspondentes aos 4 anos de curso, pelos ensinamentos e por todo o carinho e dedicação.

Quero agradecer também aos colegas de turma, com os quais vivenciei bons e maus momentos, mas também pelo carinho e partilhas ao longo do curso.

À Cordenadora Pedagógica da Creche, Susana Branco o meu agradecimento pela autorização da recolha das observações na instituição, pela ajuda que sempre disponibilizou ao longo desta investigação, bem como algum material que dispensou para a elaboração do mesmo.

Às Educadoras de Infância, Ana Cláudia Fialho, Benilde Araújo e Andreia Marques pelas vastas informações prestadas e o apoio incondicional demonstrado durante o decorrer desta investigação, por tudo isso expresso o meu eterno agradecimento.

Às crianças fonte de inspiração desta investigação e que direta ou indiretamente contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto profissional de educação.

Um sentido agradecimento a todos os meus amigos que estiveram ao meu lado, apesar do pouco tempo que lhes pude dedicar, mas que sempre tiveram uma palavra de incentivo tornando esta minha caminhada mais fácil. Não posso deixar de referir o nome de alguns, como a minha melhor amiga Liliana Félix, a Carla Costa, o Bruno Afonso e o Gabriel Correia, sem vocês tudo teria sido bem mais difícil, um bem-haja a todos vós.

E por último mas não menos importante a toda a minha família, pais, irmão, cunhada, tios, primos e avós, pela paciência que tiveram quando por vezes nem tudo corria bem, pelo apoio incondicional e por nunca deixarem de acreditar que iria conseguir alcançar o meu sonho, um muito, muito obrigada do fundo do meu coração.

Resumo

Neste trabalho de investigação procurei analisar a comunicação do bebé até à aquisição da linguagem verbal.

A investigação foi realizada na Instituição C&D numa sala de berçário, com dez crianças, com idades compreendidas entre os cinco e os doze meses de idade.

Com o intuito de conhecer as diferentes formas de comunicação que os bebés utilizam na creche, observei e registei o dia-a-dia destas crianças durante os quatro meses de estágio.

Ao longo do processo de pesquisa fiz um levantamento bibliográfico relacionado com esta temática.

Como procedimento metodológico, recorri à metodologia qualitativa e como instrumento de recolha de dados, às Notas de Campo.

Através da observação empírica foi possível constatar, que o principal meio de comunicação dos bebés é constituído por um conjunto de ações que antecedem a linguagem verbal. Neste sentido, o trabalho de investigação está estruturado a partir da apresentação do desenvolvimento teórico e metodológico da pesquisa, seguindo-se a análise de dados realizada a partir das Notas de Campo.

Nas considerações finais, pude verificar que é através dos risos, olhares, choros, gestos, balbucios, movimentos e expressões faciais que os bebés comunicam antes da aquisição da linguagem verbal.

Palavras-chave: Comunicação; Relação; Linguagem Verbal; Grupo de Pares; Linguagem Pré-Verbal

Abstract

In this investigative work I have tried to analyze baby communication before the acquisition of verbal language.

The investigation was performed at the nursery of the Institution C&D, with ten children aged between five and twelve months old.

With the purpose of getting to know the different communication forms that babies use in the nursery, I have observed and registered the daily routines of these children during the four months of my internship.

Throughout the research process I have done a bibliographical review regarding this matter.

As a methodological procedure, I used the qualitative methodology and as a mean for data collection, I have used the Field Reports.

By empirical observation it was possible to determine that the main form of baby communication is constituted by a set of actions preceding verbal language.

To this end, the investigative work is structured from presentation of theoretical and methodological development of the research, followed by data analysis achieved by data from the Field Reports.

In my final conclusions, I could substantiate that it is by means of giggles, looks, cries, gestures, movements and facial expressions that babies achieve communication prior to the development of verbal language.

Keywords: Communication; Relationships; Verbal Language; Pairwise groups; Pre-verbal language.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I	
REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
1- A comunicação do bebê até à aquisição da linguagem verbal.....	5
1.1- A influência da relação Mãe-Bebê no aparecimento da linguagem verbal	5
1.2- A importância do educador na aquisição da linguagem.....	11
1.3- A Importância da relação entre grupo de pares na aquisição da linguagem verbal.....	16
Capítulo II	
METODOLOGIA DE PESQUISA.....	19
2.1- Temática.....	19
Questões de Partida.....	19
2.2- Abordagem Metodológica.....	19
Notas de Campo.....	20
Formato das Notas de Campo.....	21
Quando é que o observador deve fazer os registos da sua observação?.....	22
Organização dos Dados.....	22
2.3- Contextualização.....	23
Caraterização dos participantes no estudo.....	25
2.4- Procedimentos.....	28
Capítulo III	
ANÁLISE DE DADOS.....	29
1ª Categoria-Relação entre Pares.....	29
2ª Categoria-Relação Adulto-Criança.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS.....	49
Notas de Campo	

Introdução

Iniciei o meu percurso formativo na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich (ESEIMU) em 2009, decidi alargar os meus conhecimentos, passados seis anos de ter terminado o Curso de Técnico Auxiliar de Infância na Escola de Agentes de Serviço e Apoio Social (ASAS), na Rua de Santo António à Estrela.

Iniciei a minha prática como técnica auxiliar de infância em 2003. Trabalhei nas diversas valências, Berçário, Creche, Jardim de Infância e Atl, no presente momento encontro-me a desenvolver as minhas funções em sala de Berçário, com 10 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e 12 meses, na Instituição “C&D”, onde realizei o meu estágio.

Durante estes 4 anos em que decidi estudar na Eseimu, exerci sempre a minha prática em sala de berçário, visto ser a única sala que me facilitaria o horário de forma a poder frequentar as aulas em regime Pós-Laboral.

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), propus-me desenvolver a temática da comunicação do bebé até à aquisição da linguagem verbal, bem como a importância das relações que o bebé estabelece com a mãe, com o educador e com os pares, sendo todas estas relações promotoras de desenvolvimento da comunicação na criança.

Escolhi este tema, por me despertar bastante curiosidade a forma como as crianças comunicam desde tenra idade, e as relações que estabelecem entre pares, bem como com o adulto da sala, sem esquecer é claro a mãe que é o principal estímulo e motivação para o seu desenvolvimento linguístico.

Quero com este estudo, perceber e estar mais recetiva a todo e qualquer meio de comunicação entre a criança e os adultos em sala, assim como a relação que a criança privilegia entre pares, a fim de retirar deste estudo a melhor forma de promover o desenvolvimento da comunicação da criança até a aquisição da linguagem verbal.

Desenvolvi o meu estágio numa sala de berçário, como já referi anteriormente, com 10 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 12 meses de idades, são crianças de um meio social médio, vivem com os pais e algumas delas com irmãos mais velhos. São crianças simpáticas, meigas, que

interagem bastante com os adultos da sala e não só, pois quando chegam outros adultos que não conhecem reagem na sua grande maioria com um sorriso e um aceno de mão em gesto de adeus, mostram-se bastante atentas e recetivas no decorrer das atividades bem como durante as rotinas do dia-a-dia.

Acredito que todo o processo de crescimento interior se forma através das múltiplas relações que a criança vai estabelecendo ao longo do seu desenvolvimento, é na relação e na comunicação que os nossos olhares vão estando mais atentos.

Ao abrir-se uma porta numa sala de berçário é fácil perceber que a relação e a comunicação entre as crianças e adultos que ali estão flui naturalmente, nas brincadeiras, nos risos, no movimento dos corpos, numa muda de fralda, numa alimentação e até num choro...

“A comunicação começa no berço, se prende no dar e receber amor e a comunicar emoções, afeto e sentimentos...” (Santos, 1983, p.45)

Desde o berço, desde que nasce, a mãe ao prestar os seus cuidados ao bebé, está a comunicar com ele. A mãe comunica com os seus gestos, expressões, atitudes e afetos. Desde o nascimento que a palavra é percebida por se encontrar lado a lado com outras formas de comunicar, como os gestos, os sons...surgindo a palavra num enquadramento de expressão corporal.

Os instrumentos de investigação utilizados no decorrer do meu estudo foram a observação direta e as notas de campo. Durante a investigação utilizei a observação direta, pois *“o próprio investigador procede diretamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.164).*

Escolhi as Notas de Campo como instrumento de recolha de dados, pois possibilita um contato pessoal e restrito com o meu objecto de estudo, neste caso o grupo de crianças com o qual exerci o meu estágio. Como refere Quivy e Campenhoudt (2008,p.196) os métodos de observação são *“os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho”.*

A veracidade do trabalho de investigação depende, particularmente, do rigor e do detalhe das observações, bem como da confrontação entre as

observações e a reflexão teórica de alguns autores de referência e na experiência de outros investigadores.

“o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.150).

A autenticidade do trabalho de investigação baseia-se no rigor das observações, assim como no confronto permanente entre as observações e as questões interpretativas. Segundo Quivy & Campenhoudt, (2008), o investigador deverá estar sempre atento à reprodução ou não dos factos observados, assim como à junção de todas as informações recolhidas, que devem ser regularmente delimitadas, pois quanto mais natural for a sua atuação, melhores serão os resultados obtidos.

A temática desenvolvida neste estudo é: A Comunicação do bebé até à aquisição da Linguagem Verbal, com as seguintes questões de partida a serem desenvolvidas:

1. Como é que a relação Mãe-Bebé influencia o aparecimento da Linguagem Verbal?
2. Qual o papel do educador como promotor do desenvolvimento da comunicação na criança?
3. Qual a importância da relação entre pares na aquisição da Linguagem Verbal?

Este estudo encontra-se organizado da seguinte forma:

Na primeira parte é apresentado o Enquadramento Teórico (Capítulo I), onde está patente toda a recolha teórica fundamentada em vários autores de referência, onde primeiramente é desenvolvido o conceito de comunicação do bebé até à aquisição da linguagem verbal, segue-se a influência da relação mãe-bebé no aparecimento da linguagem verbal, a importância do educador na aquisição da linguagem e por último a importância da relação entre pares na aquisição da linguagem verbal. Esta organização temática pretende fundamentar os objectivos do nosso estudo.

Na Metodologia de Pesquisa (Capítulo II) é exposta a temática da investigação bem como as três questões de partida já referidas anteriormente. É realizada uma abordagem metodológica onde se refere a metodologia de investigação aplicada no presente estudo, sendo esta a investigação

qualitativa, bem como a justificação da escolha desta metodologia e as características da mesma.

Segue-se uma pequena descrição do que são as Notas de Campo, bem como o seu formato, a seguir é retratada a forma de organização e tratamento dos dados, a contextualização onde decorreu a investigação, a caracterização dos participantes no estudo e os procedimentos utilizados durante a investigação através da Observação Direta e recolha de Notas de Campo.

A terceira parte (Capítulo III) do trabalho de investigação destina-se à apresentação da análise interpretativa dos resultados obtidos através das Notas de Campo. Estas análises conduzem a algumas reflexões para a prática profissional.

Por último e não menos importantes estão as considerações finais, onde é apresentada a conclusão do estudo, que responde à temática por mim proposta e às questões colocadas, que tentaram ser esclarecidas da melhor forma.

Capítulo I - Referencial Teórico

Palavras-chave: Comunicação; Relação; Linguagem Verbal; Grupo de Pares; Linguagem Pré Verbal

1. A comunicação¹ do bebé até à aquisição da linguagem verbal²

“A comunicação está presente no dia-a-dia de todos nós, suportando a nossa existência enquanto seres sociais, mesmo que nem sempre tenhamos consciência disso. Contudo, se procurarmos definir a comunicação, não surge uma resposta simples e unívoca. De facto, este é um processo complexo que suscita o interesse e a investigação por parte de diferentes ciências e disciplinas, pelo que podemos encontrar diferentes perspetivas. Numa perspetiva teórica, a comunicação pode ser traduzida num processo de partilha, através do envio e receção de mensagens entre duas ou mais pessoas que partilham o mesmo código. Numa perspetiva social, este processo é considerado como elemento chave para a definição do humano enquanto ser social”. (McLaughlin,S.,2006).

A comunicação e linguagem inter-relacionam-se, pois é através do afeto, o principal impulsionador da comunicação, que se possibilita a linguagem, este é o principal instrumento de comunicação que o homem dispõe para partilhar com os outros, as emoções, os sentimentos, os seus desejos, positivos e negativos e ideias. Todos estes sentimentos essenciais à comunicação e consequentemente à linguagem devem-se sobretudo à mãe, na formação do ser humano.

De acordo com Santos (1966), citado por Branco (2010), é através da comunicação e do afeto que a criança aprende a simbolizar, simbolização esta que posteriormente a irá ajudar a desenvolver a sua capacidade de fantasia e de imaginação, fontes da inteligência e da palavra. Contudo, se a criança não

¹ É o processo ativo de troca de informações que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a decodificação (ou compreensão) de uma mensagem entre dois, ou mais, intervenientes. A linguagem é o instrumento privilegiado da comunicação, por isso importa compreender que toda a psicologia da criança não é mais, afinal, que a história das suas formas de comunicação, cada vez mais vastas, com o mundo dos objectos e dos seres... (Rideau,A., 1977, p.52)

² A verbalização, isto é, a linguagem em acção, pode ser falada ou escrita. A verbalização é espontânea (balbuciação, solilóquio, exclamações). O método verbal compreende a acção de quem pergunta e de quem responde; assim sendo, faz-se necessário levar em conta essa relação na análise dos resultados. O método verbal pode ser usado isoladamente, ou combinado com outros métodos instrumentais. (Pieron,H., 1977,p.445)

for incentivada a comunicar, esta não passará da repetição de gestos e expressões sem significado.

“A educação é, na fase da vida da criança que corresponde à aquisição da linguagem falada, fortemente impregnada pelo afeto do educador; toda a educação que anule o afeto, e portanto elimine certa liberdade de experiência emocional, não é mais do que um mau adestramento”. (Santos, 1966, p.47, citado por Branco, 2010)

Segundo Santos (1978), citado por Branco (2010) é a mãe que ensina a criança a falar, pois é através de todas as expressões e sentimentos que a mãe transmite ao seu filho que este evolui para a conquista da palavra propriamente dita, e é a partir desta conquista que é possível à criança a aprendizagem da leitura e da escrita.

Como refere Chomsky (1959), citado por Costa e Santos (2003) o bebé tem de estar inserido numa comunidade e ouvir falar à sua volta, pois só desta forma poderá adquirir uma língua. Sendo assim torna-se fundamental o estímulo no processo de aquisição da linguagem verbal. Se não existir uma língua que é falada no ambiente em que o bebé cresce, ele não será capaz de ativar o processo de aquisição da linguagem. Muitas das formas que podem ser utilizadas como estímulos, não só pelos pais como pelos educadores em creche são os jogos de palavras, as lenga lengas e trava línguas, as rimas, e incentivar a criança à imitação.

“Tal como a flor precisa de ser regada, ter terra para crescer harmoniosamente, a criança precisa de um ambiente propício ao seu desenvolvimento.” (Chomsky, 1959, p. 17, citado por Costa & Santos, 2003)

Na aquisição da linguagem poderá pensar-se numa estimulação paralela. A criança ao ouvir o que a rodeia, e a fala que lhe é dirigida, terá o que necessita para construir a sua gramática. Com esta gramática reproduzirá a língua que ouve. No entanto, a criança poderá fazê-lo na interacção com os adultos com os quais convive diariamente, através de jogos, brincadeiras e correcções, para desta forma adquirir um desenvolvimento linguístico num ambiente, cheio de estímulos, que será necessariamente saudável.

1.1- A influência da relação³ Mãe-Bebé no aparecimento da linguagem verbal

Não é possível falar de comunicação e linguagem sem nos referirmos à relação mãe-bebé.

“A mãe e o bebé, quer estejam conscientes disso ou não, «sabem» mais do que nós sobre as suas próprias interações sociais”. (Stern, 1992, p.8)

Desde que nasce que o bebé traz consigo capacidades para estabelecer uma relação humana. Ele é um participante ativo na sua formação e nas mais importantes relações que estabelece com os outros.

Segundo Greenspan (2009), a comunicação do bebé começa nas primeiras semanas de vida, quando os pais reagem aos movimentos ou gritos do seu bebé, com um simples sorriso, estes sentem-se compreendidos. É desta forma que os pais transmitem ao seu filho a importância da comunicação e da resposta a qualquer tipo de reação.

Desde os primeiros meses de vida que os bebés têm os seus sentidos bem desenvolvidos, com maior incidência no sentido do tato, da visão e audição. Quando o adulto fala com eles, estes olham para a sua boca e vêem o movimento que é feito com a língua e tentam copiá-lo. A seguir tentam imitar os sons que o adulto produz, isto acontece por volta dos quatro cinco meses, é quando surge o chamado palrar.

Os bebés ao emitirem sons e ao palrar estão a fazer muito mais do que isso, estão a praticar os movimentos com a boca e desta forma relacionam estes gestos com a reação dos pais, e assim vão distinguindo diferentes sons.

Holt (1983) citado por Greenspan (2009), pergunta-se porque razão é que o bebé inicia a sua comunicação através de sons, se estes sons são instintivos como o chorar.

³ É no seio da relação com a mãe que a criança realiza a separação entre o seu eu e o não-eu, esta relação é feita do contato com a mãe que satisfaz as necessidades fundamentais. Nesse momento, a relação é dita pré-objetal. A relação torna-se objetal, ou relação de objecto, quando a criança pode fazer a discriminação entre rostos familiares e rostos estranhos. É o estágio da relação emocional com o “objeto destacado de si”, ficando a mãe como o objeto completo e permanente, distinto do mau, o objeto estranho. (Ritzen, P. 1979, p.227)

Richards (1981) refere que é através do choro que o bebé demonstra que tem fome, ao mesmo tempo movimenta o seu corpo, voltando a cabeça a fim de localizar o mamilo e prendê-lo com os lábios.

“Sendo o principal objectivo da linguagem a comunicação, o choro pode ser visto como a pré-história da linguagem.” (Costa e Santos, 2003, p.83)

Os pais são os primeiros a distinguir os diversos tipos de choro do seu bebé, o choro de dor, de sono, de fome e até mesmo de birra, mesmo que não comuniquem verbalmente, os bebés de um modo geral, são entendidos na perfeição pelos pais.

Segundo Holt (1983) citado por Greenspan (2009), quando os pais ouvem um determinado choro, reagem de forma eficaz respondendo às necessidades do seu bebé, até mesmo quando este sorri, o adulto reage sorrindo também, falando ou simplesmente demonstrando um gesto de carinho através de um abraço ou carícia. Tudo isto é comunicação. É muito importante que os pais estejam bastante atentos a todo e qualquer gesto da parte do bebé, para que este não se sinta frustrado e incompreendido e também para incentivar a comunicação.

“ Um bebé acompanha cada um dos sons com expressões faciais, atitudes corporais e as formas correspondentes de usar os braços e as pernas. A sua comunicação está a tornar-se intencional e utiliza sons como o prato forte para transmitir a sua mensagem.” (Holt, 1983, p.73,citado por Greenspan, 2009)

É durante os primeiros seis meses de vida que o bebé está mais focado no mundo e susceptível a qualquer estímulo vindo deste, através do seu maior estímulo afectivo que é a sua mãe.

“A vida sem afeto é tão difícil de imaginar como a vida sem cognição”. (Stern, 1992, p.85)

O ponto de partida para a formação da primeira ligação humana, é adquirido através da organização do corpo, na capacidade visual direccionada para o rosto da sua mãe, sendo este o ponto focal inicial, de extrema importância para a primeira construção do seu mundo visual, pois é com o olhar que estabelece a primeira ligação humana.

Como refere Stern (1992), o bebé procura estímulos desde o seu nascimento e esforça-se até consegui-los. Tal como os alimentos são

essenciais à vida humana também os estímulos são imprescindíveis para fornecer ao cérebro matérias - primas essenciais para o desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial do bebé.

É importante que o bebé primeiro aprenda a estar com uma pessoa, a criar e a partilhar experiências a partir das quais se constrói uma relação. Pois é através de todas estas aprendizagens, da partilha mútua de prazer, da alegria, do interesse e curiosidade, das múltiplas sensações, da admiração, do medo, da surpresa, daqueles momentos de sossego em que os silêncios dissolvem a angústia, que se forma o grande sentimento de amizade e amor.

Assim Santos (1983), citado por Branco (2010) refere que é a mãe que aos poucos vai introduzindo várias formas de comunicação, através de contacto cutâneo, de vários movimentos que efectua, da alimentação, palavras e carícias, algo mais que o bebé necessita para sentir-se satisfeito fisiologicamente, dando-lhe assim prazer. Na maior parte dos casos existe um intercâmbio mãe-bebé muito estreito, com carácter emocional e afectivo a que se dá o nome de linguagem. Esta linguagem é o enquadramento afectivo onde se processam as várias formas de comunicação. A comunicação é o pilar da linguagem, mas não é linguagem. A linguagem é algo que se situa entre as pessoas e que faz parte do seu património coletivo.

Segundo Stern (1992), as interações que ocorrem entre a mãe e o bebé durante o primeiro meio ano de vida, são normais e comuns, de natureza essencialmente social. Normalmente estas interações acontecem em espaços ou situações inesperadas, entre outras atividades, mas todos estes momentos interpessoais, são indispensáveis na formação de experiências através dos quais o bebé aprenderá a relacionar-se com outras pessoas.

Stern (1992) refere também que é através das interações entre a mãe e o bebé, que este desenvolve o esquema do rosto humano, a voz e o tato e reconhece o rosto, a voz e os movimentos específicos de quem cuida dele, neste preciso caso, a mãe. Através do esquema do rosto humano o bebé adquire expressões emocionais e sinais humanos diferentes.

A primeira perceção que o bebé tem do mundo humano é através de tudo o que a sua mãe possa dizer através do seu rosto, voz, corpo e com as mãos. É a partir da presença de humanos, das suas expressões, da relação entre o

seu próprio comportamento e o de outra pessoa que o bebê começa a construir o seu conhecimento e a tomar consciência de tudo o que é humano.

“ As mães agem com os bebês de uma forma diferente de como agem com outros adultos ou crianças mais velhas.” (Stern, 1992,p.15)

As mães têm atitudes exclusivas para os bebês, desde as expressões faciais, a maneira como falam, não apenas pelo que dizem, mas pelos sons que transmitem, os movimentos que fazem com o corpo, a posição que tomam em relação ao bebê, o tempo e ritmo, todos estes comportamentos são encarados como comportamentos fora do normal. Se por ventura estes atos fossem dirigidos a outras pessoas, seriam encarados como ridículos.

Segundo Stern (1992), todos estes atos são considerados normais e necessários da parte da biologia humana a que damos o nome de maternidade, são atos que dão prazer à mãe e que transmitem ao bebê todo esse sentimento de prazer, de afeto e de tranquilidade.

Durante as interações de brincadeira entre a mãe e o bebê, esta olha para o bebê e vocaliza ao mesmo tempo. Durante a amamentação, momento privilegiado da relação, a mãe e o bebê olham-se e é nessa troca de olhares que é acompanhado de palavras de afeto que a mãe vai dizendo suavemente, que o amor acontece.

É durante os primeiros seis meses de vida, que os bebês aprendem a interpretar os sinais e expressões do comportamento das outras pessoas, para posteriormente descriminarem os sinais básicos da interação vocal.

Quando o bebê chora no início de vida e os pais não sabem o porquê, criam neles um sentimento de inquietude, vêem-se sem saber como ajudar o seu bebê. Questionam-se, o que se poderá estar a passar com o seu filho, porque até começar a falar, o bebê não consegue expressar por palavras o que sente e o que pretende transmitir. Com o passar do tempo os pais aprendem a significar os sinais do bebê.

Contudo, ele já é capaz de comunicar através do seu corpo. Ainda antes mesmo de usar as palavras para se fazer entender, o bebê pode comunicar pela linguagem corporal. Pode-se identificar desde muito cedo as expressões faciais que manifestam as mais diversas sensações, como a alegria, contentamento, satisfação, desconforto ou aborrecimento.

Richards (1981) enuncia, que outra das habilidades do bebé é a de tentar localizar uma fonte sonora no espaço que a rodeia e voltar-se para ela. Por exemplo se o adulto falar ao lado do bebé, fora da sua linha de visão, o bebé tentará voltar a sua cabeça de modo a poder olhar o adulto.

Para o bebé a fala desperta mais atenção do que qualquer outra espécie de ruído. Quando psicólogos pela primeira vez tentaram investigar a audição dos bebés, serviram-se de tons puros e outros estímulos artificiais, acabando por se dececionarem.

Contudo, quando utilizaram a fala como sons naturais, as suas capacidades foram consideradas um êxito. É através da seleção dos sons da fala que o bebé aprende a nossa forma de comunicar. É como se os bebés quando nascem soubessem à partida que a fala é importante e que devem estar atentos a tudo o que possam ouvir, para aprenderem a falar.

“Sem essa capacidade selectiva...Seria uma tarefa monumental distinguir quais os sons que fazem parte da comunicação humana e quais são irrelevantes.” (Richards, M. 1981, p.55)

O bebé repete o som das palavras dos adultos mesmo não sabendo o que isso significa.

Emitir sons está na base da comunicação do bebé, a sua língua e a capacidade de emitir sons está bem desenvolvida entre os oito e dez meses de idade.

Entre os três e os doze meses, o bebé já tenta juntar os sons aos seus gestos corporais, recorrendo na maior parte das vezes às mãos e aos braços.

Segundo Greenspan (2009), a comunicação pré-verbal⁴ desenvolve-se após os 6 a 8 meses de vida. Esta linguagem baseada em gestos, expressões faciais e sílabas, sem qualquer sentido, desenvolvem-se até aos dezoito meses, altura, esta em que surgem as primeiras palavras e o bebé começa a interagir e a comunicar com padrões.

1.2 - A importância do educador na aquisição da linguagem

⁴ Gestos, mímica e outros métodos de se fazer compreender precederão também a palavra. A lalação corresponde aos exercícios de vocalizar, que permite ao bebé descobrir que certos movimentos da boca e da língua produzem certos sons. (Rideau, 1977, p.168)

“Os educadores deveriam ter sempre presente que, se é pela palavra que a criança começa a ter contato com a vida espiritual da sociedade, esse precioso instrumento não pode ser menosprezado”. (Santos, 1982,p.59)

Segundo Castro (1989), o berçário é um espaço onde as relações se ampliam no sentido coletivo, sendo um ambiente rico em trocas discursivas. Na relação que o educador constrói com as crianças nada acontece sem que este fale à criança. Podemos dizer que também aqui a palavra é um dos principais veículos do afeto.

Segundo Portugal (2003), o tempo é fundamental para que tanto a criança como o educador consigam adaptar-se um ao outro de forma a aprenderem a interpretar os seus comportamentos e sinais. A sucessão de interações entre a criança e o educador permite melhores cuidados, bem como relações mais intensas e responsivas.

“Como o choro é o meio de comunicação e de controlo do mundo mais precoce da criança, o educador pode aprender a compreender o espectro de choro exibido pela criança e atuar em consonância, acalmando-a ou satisfazendo-lhe necessidades e ajudando-a a confiar nos outros. (Portugal, 2003, p.181)

O educador deve assumir sempre a criança como uma interlocutora e dando espaço para que esta fale e responda às suas questões. Se a criança ainda não consegue responder por palavras, poderá expressar-se através de gestos ou até mesmo do olhar.

Segundo Zaina (2010), as crianças entre os seis meses e um ano de idade, devem ter contacto com livros que permitam a livre exploração e manipulação, dos mais variados estilos e materiais tais como: cartolina, tecido, plástico, feltro com ilustrações grandes e coloridos, facilitadores da aquisição da linguagem.

Outro facilitador da aquisição da linguagem é a própria literatura infantil, e neste caso o educador serve de mediador entre as crianças e o livro, ao ler-lhes histórias, ao mostrar a imagem que contém cada página, ao deixar a criança manusear o livro. É através da audição das narrativas que a criança desenvolve nela o sentido da oralidade e a importância da linguagem oral.

“...a narração é uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania e sobretudo a leitura literária.”
(José, E. 2007, p.60)

É bom o educador falar corretamente com a criança porque ele tem um papel privilegiado em aumentar o repertório da criança, se o educador simplificar demasiado a forma como se expressa com as crianças, na forma como usa as palavras, ele restringe o vocabulário que a criança pode vir a aprender aos poucos.

Segundo Rigolet (1998), o primeiro ano de vida do bebé é fundamental para todo o seu desenvolvimento socioafectivo, ele deverá criar autoconfiança nas suas competências comunicativas bem como fornecer bases sólidas para um desenvolvimento linguístico harmonioso.

É importante que o educador nesta fase crucial da vida do bebé, estabeleça com ele, um diálogo comunicativo, reconhecendo que é um modelo de referência e por isso deve ter em atenção tudo o que faz no que respeita ao bebé, deve proporcionar experiências diversificadas, manter atitudes comunicativas eficazes, deve saber respeitar o tempo e o espaço do bebé para que este não se sinta forçado a nada e possa exprimir-se da melhor forma, nunca esquecendo a individualidade de cada criança.

Como refere Rigolet (1998), o educador desde o início da relação com o bebé deverá fomentar todas estas aquisições anteriormente referidas de forma consciente e reflectida. Ele deverá assumir-se como co-responsável do processo evolutivo pessoal, companheiro atento e experiente, propondo sempre e não impondo, fomentando as suas iniciativas, paciente e dinâmico, observador ativo e interveniente, caso seja necessário ou solicitado.

Assim neste período de descobertas do bebé o educador:

“...será responsável por proporcionar a todas as crianças instrumentos para que a viagem se torne numa aventura ‘rica, fascinante e memorável’, mas é também ele próprio influenciado e modificado por essa viagem”
(Vasconcelos, T., 1990, p.20, citado por Rigolet, S., 1998)

“As relações estabelecidas através dos diálogos - corporais e orais -, fazem parte do processo que nos torna seres humanos ou sujeitos com vontade, com capacidade de raciocínio e imaginação” (Barbosa, 2010, p. 85).

Que lugar damos ao amor, à proteção, e à identificação com o bebé?

A brincadeira e o divertimento têm um papel fundamental, são um conjunto adequado às operações humanas, sevem de tradução aos comportamentos a longo prazo que caracterizam a interação, fornecendo meios para fluir toda a interação.

“Deste ponto de vista, a mistura de dias «livres», dias bons, maus humores, boas disposições, movimentos, fingir fazê-los e compensações, faz parte do panorama necessário de incidentes reais que ajudam o bebê a adquirir as capacidades interpessoais para saber lidar com interações sociais.” (Stern, 1992,p.100)

Segundo (Howes e Rubenstein ,1985 citados por Portugal, 2003), um grupo de três crianças por educador facilita as interações, o jogo e as verbalizações. Quando os educadores não têm ao seu cuidado um largo número de crianças, estes são capazes de viver com cada criança interações sociais preciosas.

De acordo com (Santos, 1983, citado por Branco, 2010), a comunicação significa uma forma especial de ligação entre pessoas, coisas e situações, com valor de objetos de amor, cuja matriz é a ligação que se estabeleceu com a mãe desde os primeiros anos de vida.

“Os bebês devem aprender a expressar e compreender emoções, comunicar, aprender coisas acerca dos outros, objetos e situações.” (Portugal 2003,p.196)

Como já foi referido anteriormente, é importante que se fale com os bebês, aproveitando o fato da criança trabalhar instrumentos desde muito cedo relacionados com na linguagem tais como: sons, expressões faciais e o ritmo. O educador ao falar com os bebês proporciona-lhes matéria-prima para que estes possam exercitar as suas capacidades linguísticas.

Mesmo que os bebês ainda não sejam capazes de entender o que o adulto diz, são capazes de utilizar os sons que produzimos, assim como ritmos, entoações e expressões no processo de descoberta da sua língua.

Cerca dos quatro, cinco meses a criança começa a balbuciar, onde aprende a combinar a fonação com a articulação, adquirindo um melhor domínio do aparelho fonador. Por volta dos seis meses a criança atinge a fase da lalação, que consiste na repetição dos seus próprios sons. Esta fase é

essencial para o surgimento da língua propriamente dita através dos vários estímulos auditivos.

A seguir na fase da ecolalia, a criança não repete apenas os seus sons mas os sons familiares, os sons da língua materna. Nesta fase os pais afirmam que a criança já diz “mamã” e “papá”, ou apenas uma destas palavras. Uma questão que se coloca muitas vezes, é se este som corresponde a verdadeiras palavras. Ou seja será que a criança se refere à mãe quando diz “mamã” ou se simplesmente está a brincar com os sons.

Por volta dos oito, dez meses, a criança pronuncia um tipo de sílabas, o formato das palavras é geralmente constituído por uma sílaba simples que é repetida ou reduplicada. É interessante notar, que sempre que nos dirigimos a crianças mais pequenas, reproduzimos as palavras neste formato: “mamã”, “papá”, “qua qua”. Esta fase tem vindo a apresentar alguma evolução da parte das crianças, pois inicialmente a primeira sílaba era repetida, embora agora possamos observar outras sequências de sílabas tais como: tá-dá, ma-pá, entre outras.

De acordo com Costa & Santos (2003), alguns psicólogos afirmam que até uma determinada fase de desenvolvimento as crianças não são capazes de usar a linguagem para se referirem a algo ou alguém, que não esteja presente no momento em que estão a falar.

Só quando o mesmo som passa a ser utilizado num determinado contexto e com uma intenção comunicativa específica e perante aquilo que a palavra significa, então aí poderá ser interpretado como uma palavra. Por exemplo, quando o bebé pronuncia “mamama”, na presença da mãe ou para solicitar a sua atenção, neste caso esta sequência de sons é utilizada para se referir à mãe.

Quando a criança está envolvida num meio falante, esta recorre a meios de forma a ser compreendida pelos seus interlocutores. Como refere Vygotsky (2000) é através da comunicação que a criança adquire a fala, assim crianças com poucos meses já sentem a necessidade de usarem recursos comunicativos. Então, à medida que a criança vai emitindo sons, está cada vez mais, suscetível a estímulos sonoros, como por exemplo, quando a mãe lhe fala, incentivando-a a repetir as palavras por ela proferidas conseguindo assim

fazer uso da fala, é assim aos poucos que a criança vai utilizando as palavras servindo-se delas como instrumento para a comunicação.

“Se seguirmos a história de uma palavra em qualquer idioma, veremos, por mais surpreendente que possa parecer à primeira vista, que os seus significados se transformam, exatamente como acontece com o pensamento infantil”. (Vygotsky 2000, p.91)

Ressalto então a importância da comunicação para a criança, pois desde muito pequena, que esta enfrenta várias situações comunicativas, todas elas significantes para a sua formação e desenvolvimento. Quando a criança se encontra no processo de aquisição da linguagem verbal, a comunicação é crucial para o alargamento do seu vocabulário e, com certeza, com as experiências e vivências propostas em meio escolar, o seu desenvolvimento linguístico evoluirá significativamente.

1.3- Importância da relação entre grupo de pares⁵ na aquisição da linguagem verbal

O bebé é um ser que nasce bastante imaturo do ponto de vista motor, no entanto as suas características perceptuais já estão bastante desenvolvidas. A sua imaturidade motora faz com que o bebé permaneça por um longo período frágil e incapaz de sobreviver sem a ajuda de um adulto. Por outro lado, a sua capacidade sensorial e expressiva facilita a comunicação, a interação e a aprendizagem com o outro desde o nascimento. Ao desenvolver as suas capacidades exploratórias e motoras, os bebés movem-se e alcançam outras crianças, entrando desta forma em contato físico com elas.

Um dos objectos primordiais, no contato físico entre crianças, são os brinquedos que estão ao seu alcance, e que partilham no mesmo espaço. Segundo Bakeman & Adamson (1984), os brinquedos têm um papel fundamental nos processos interativos entre as crianças.

Fiamenghi (1999), refere que, bebés com cerca de 6 meses de idade, quando colocados face a face, têm comportamentos indicativos de reconhecimento intersubjetivo bem como interações que são caracterizadas

⁵ Conjunto de pessoas “entre as quais existem relações psicologicamente explícitas e recíprocas”. (Pieron,H., 1977, p.204)

por imitações e expressões emocionais; tais como, curiosidade, simpatia, indiferença e irritação.

Segundo os autores Eckerman & Didow (1988), os bebês, não respondem simplesmente ao comportamento de outra criança, mas respondem sim às diferentes formas de comportamentos apresentadas pela outra criança.

“Os olhares, as mímicas, as atitudes e as posturas corporais, as vocalizações e a maneira de se deslocar estão carregadas de significado. Alegrias e satisfações, às vezes decepções, mas também sugestões, aprovações, aceitações, rejeições etc. são claramente percebidas” (STAMBAK, 2011,p. 39).

Outro dos aspectos que interfere na interação entre crianças é o seu desenvolvimento motor, tornando crianças mais interactivas as que têm uma melhor coordenação motora, facilitadora da sua deslocação até a outra criança. Porém mesmo que a criança não tenha tanta facilidade em deslocar-se, isso não a impede na sua totalidade de não interagir com outras crianças, como posso referir o caso observado da criança “D.M” que deslocou-se até junto da criança “F.C” para deixar o brinquedo que tinha em sua posse e afastou-se de seguida.

Pode-se constatar que a ação de uma criança interfere sempre na ação de outra criança, embora possam estar envolvidas em atividades diferentes.

Embora os bebês, estejam no início de um processo de construção de significados, todas as interações existentes entre bebês, desde o toque, o puxar de cabelo, o tirar o brinquedo a outro, possibilitam a aquisição de novos conhecimentos, bem como a linguagem corporal e a aquisição da linguagem no pedido de ajuda que fazem na maior das vezes junto do educador ou adulto da sala, numa situação de creche.

Segundo Stambak (2011), os confrontos representam momentos construtivos em que as crianças enfrentam ativamente contradições, situações organizativas, momentos que provocam a necessidade de encontrar estratégias para resolvê-las.

A comunicação está envolta numa exploração de situações, bem como de ambientes, observação das ações das outras crianças, assim como a representação de sentimentos por meio da linguagem corporal.

“O riso alto, a agitação do corpo e os gritinhos constituem, um código comunicativo entre as crianças” (Pedrosa, 1994, p.34).

Como enuncia Piccinato (1999), a particularidade da comunicação durante a imitação entre as crianças está no olhar, na atenção em direção ao outro, na aproximação e sincronização das ações, nos comportamentos que permitem inferir que existe uma forma de comunicação entre as crianças mesmo na ausência da fala.

Oliveira e Rossetti-Ferreira (1993), diz-nos que o desenvolvimento humano é, uma construção partilhada, na qual tanto a criança como os seus parceiros constroem-se nas interações que estabelecem e no ambiente gerado tanto como espaço social de experiência, como enquanto condição/instrumento do desenvolvimento.

É efectivamente no espaço escolar que a criança constrói os seus conceitos científicos, que por sua vez ocasionam o desenvolvimento intelectual das mesmas.

“O aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais. Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos”. (Vygotsky, 2000, p. 115)

Capítulo II- Metodologia de Pesquisa

2.1- Temática:

A Comunicação do bebé até à aquisição da Linguagem Verbal

Questões de Partida:

- a) Como é que a relação Mãe-Bebé influencia o aparecimento da Linguagem Verbal?
- b) Qual o papel do educador como promotor do desenvolvimento da comunicação na criança?
- c) Qual a importância da relação entre pares na aquisição da Linguagem Verbal?

2.2- Abordagem Metodológica

A metodologia utilizada no presente estudo foi a investigação qualitativa que tem como objectivo investigar diferentes situações em contexto natural.

Escolhi este método, por ser o melhor método de estudo em tempo real, para desta forma obter melhores resultados. Todos os dados foram recolhidos e registados através da escrita de palavras das mais variadas situações vivenciadas pelos bebés que observei durante a investigação.

Segundo Ludke, M., & André, M. (1986) são cinco as características da investigação qualitativa, por vezes também denominada de naturalística:

- 1- A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento de investigação;
- 2- Todos os dados recolhidos são essencialmente descritivos;
- 3- A preocupação de todo processo é bem mais valorizada do que o próprio produto;

- 4- A atenção especial do pesquisador centra-se no significado que as pessoas dão às coisas bem como à sua vida sendo estes os principais focos de atenção do pesquisador;
- 5- Todas as análises de dados advêm de todo um processo indutivo.

Todas estas características são gerais. No entanto, a pesquisa qualitativa pode adotar diversas formas, como por exemplo, do tipo etnográfico e o estudo de caso.

Em relação à conceptualização das conclusões e dos resultados de um estudo de caso, importa ressaltar que esta metodologia de investigação não tem a intenção de generalizar os resultados obtidos, mas sim de conhecer verdadeiramente casos concretos e particulares.

“A escolha de um determinado foco, seja ele um local na escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre um ato artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado. O investigador qualitativo tenta ter em consideração a relação desta parte com o todo, mas, pela necessidade de controlar a investigação, delimita a matéria de estudo. Apesar do investigador tentar escolher uma peça que constitua, por si só, uma unidade, esta separação conduz sempre a alguma distorção”. (Bogdan & Biklen, 1994, p.91).

Notas de Campo

“Relato escrito do que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (Investigação qualitativa em educação, Bogdan e Biklen, 1994)

Notas de Campo compreendem-se como registos recolhidos durante uma observação, representam um instrumento de investigação e de recolha de dados significativos para a elaboração de uma pesquisa qualitativa. Para que o registo efetuado esteja de acordo com o objetivo da investigação é fundamental elaborar, antecipadamente, um planeamento do que deve ser registado e observado, delineando distintamente o objetivo da investigação, de modo a evitar o afastamento do que se pretende pesquisar em concreto.

Bogdan & Biklen (1994) partilham várias sugestões sobre os conteúdos que devem constar nas notas de campo. As notas de campo devem abranger uma parte descritiva e uma parte reflexiva.

Formato das notas de campo

Bogdan & Biklen (1994), referem que as notas de campo devem conter:

- **Um cabeçalho:** quando é que a observação foi realizada, com a respetiva (data e hora), quem a fez, onde decorreu a observação, um número a que corresponde a nota de campo e um título relativo ao que se refere a nota de campo.
- **Parágrafos e margens:** sempre que surgir um novo acontecimento, no decorrer de uma conversa/ação, quando entra uma nova pessoa ou outra situação diferente, deve começar-se um novo parágrafo. Deve deixar-se também sempre no início de cada parágrafo uma margem do lado esquerdo da página, servindo de espaço para anotações e codificação.

Não existe um tamanho propriamente definido para as notas de campo, estas diferem consoante o foco que o observador incide sobre a sua observação, se a sua observação é mais específica ou não. Com a experiência, o observador tende a analisar mais no local da observação e a registar menos o que observa.

São nas primeiras visitas a um novo local, que normalmente os investigadores retiram notas de campo mais extensas. Pois é neste período que o foco da investigação é ainda pouco claro e o investigador, sente necessidade em registar o maior número de situações significativas, passando várias horas a escrever. Há medida que o foco diminui e se concentra apenas num tema em particular, o investigador, inverte o seu método, passando a observar mais e a registar menos.

Tudo o que o investigador possa observar, passará a registar e a aumentar a quantidade de notas de campo, que retira de uma observação em específico.

- **Notas descritivas:** deve ser o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, detalhadamente, das pessoas envolvidas, das suas ações e interações realizadas repetidamente, respeitando sempre a linguagem dos participantes neste contexto no decorrer da sua recolha. Todo e qualquer detalhe, deve ser levado em conta e registado tal como fora observado, sem nunca inferir.
- **Notas inferenciais:** todo e qualquer tipo de registo, relacionado com o que sente o investigador perante uma situação observada. O investigador poderá colocar questões, servindo de ponto de partida para novas observações de modo a clarificar a sua investigação. Poderá registar informação recolhida de terceiros, referente à situação observada de modo a justificar a sua observação e registo.

Quando é que o observador deve fazer os registos da sua observação?

Segundo Bogdan & Biklen (1994), os registos das observações, devem ser feitos num curto espaço de tempo, o mais próximo possível do momento da observação, não interferindo porém no papel do observador nem no seu desempenho com o grupo a que está sujeita a observação.

Se o observador preferir não revelar ao grupo que este estará a ser observado, então o observador deverá fazer os seus registos num outro local fora da atenção do grupo observado, de modo a não comprometer a sua observação, bem como se for um observador participante é de todo incorreto fazer as suas anotações no mesmo local pois dessa forma acabaria por interferir na sua interação com o grupo.

Organização dos dados

Após a leitura sistemática de todas as notas de campo, todos os registos são organizados de forma a proceder-se a melhor leitura e análise de dados. Toda a informação deve estar organizada através da identificação e agrupamento de textos.

É importante que os textos sejam lidos repetidamente, para uma melhor familiarização dos mesmos, para posteriormente serem criadas, categorias, temas e padrões.

De seguida será criada uma grelha ou lista com diversas categorias distintas umas das outras, organizando as categorias das mais amplas às mais específicas, de modo a clarificar a distinção entre cada uma delas, para facilitar a leitura e análise de dados recolhidos.

A fase seguinte consiste em atribuir um código a cada categoria, ou seja códigos através de palavras ou frases que estejam relacionados as situações observadas, como por exemplo o choro, o toque, o riso, etc.

Os códigos categorizam a informação em diferentes níveis, existem códigos gerais para as categorias mais amplas e subcódigos para as categorias mais específicas.

A próxima fase requer o confronto com a interpretação e construção dos dados até aqui elaborados, de forma a perceber se estes são totalmente coerentes e se vão ao encontro das questões colocadas pelo investigador.

Por último mas não menos importante, é a construção de um texto interpretativo onde deva constar a apresentação dos resultados e a discussão dos resultados obtidos, respondendo sempre de forma clara e fundamentada às questões colocadas inicialmente, com coerência num enquadramento teórico.

2.3- Contextualização

A Instituição C & D, é uma Instituição privada e foi fundada no ano de 2006. A Direção é composta por uma Directora Geral, e três Diretoras Técnicas, uma na valência de Creche, outra na valência de Jardim de Infância e a terceira na valência de 1º Ciclo do Ensino Básico.

A Instituição presta os seus serviços das 6:30h às 21:00h.

A Instituição onde realizei o presente estudo, tem em conta não só os ideais da Instituição, mas também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e as Metas de Aprendizagem.

Neste processo pretende envolver todos os agentes da ação educativa para uma perfeita socialização da criança:

- a família
- a escola
- a sociedade

Todos estes agentes devem agir em consonância e interação.

Sabendo que tem de se partir das necessidades da comunidade, da escola e das crianças para elaborar um projeto educativo, surgiu o tema “Aprender a Ser”, uma vez que este é um dos pilares da educação, sugeridos pelo relatório para a UNESCO, sobre a educação para o século XXI.

Hoje em dia em educação, pretende-se que as crianças adquiram instrumentos de compreensão, raciocínio e execução, tendo em conta o seu desenvolvimento global: corpo e mente, inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade individual e espiritualidade.

No fundo, a Instituição “C & D” pretende, em conjunto com a família, formar indivíduos autónomos, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, de comunicarem e evoluírem de forma consciente e proativa na sociedade.

Importa ainda reforçar que o envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos é, não só um direito, como uma responsabilidade.

Assim, os pais são o maior e mais válido recurso que os educadores possuem para ajudar as crianças a terem sucesso e felicidade.

“Se a educação é uma preocupação básica na creche, se o educador educa e não é apenas um guardador de crianças, importa que haja um currículo, isto é, um plano de desenvolvimento e aprendizagem.” (Portugal, 2003,p.48)

A instituição rege-se pelo modelo curricular Highscope (para bebés e crianças pequenas) que visa a aprendizagem pela descoberta, permitindo que a criança, mesmo de tenra idade, construa as suas aprendizagens, estruture e dê significado às suas experiências, promovendo, desta forma, a sua confiança e o seu desenvolvimento.

Durante este processo de aprendizagem ativa, os bebés e crianças mais novas são incentivados a descobrir o mundo ao seu redor explorando e jogando, pois *“aprendem com todo o seu corpo e todos os seus sentidos”* em

situações como: ouvir, agitar, rebolar, gatinhar, escalar, baloiçar, saltar, descansar, comer, fazer barulho, agarrar, roer, deixar cair coisas, sujar, etc.

Este esquema traduz as ideias fundamentais que orientam a abordagem aos cuidados e à educação em grupo de bebés e crianças pequenas:

- Aprendizagem ativa para crianças;
- Interações adulto -criança calorosas e facilitadoras;
- Ambiente físico acolhedor e orientado para a criança;
- Horários e rotinas que se adaptam às crianças;
- Observações diárias que orientem as interações dos adultos com as crianças;
- O trabalho em equipa dos adultos na sala;
- As relações entre pais e equipa da sala;
- A planificação das actividades,
- Modelo Educativo Highscope.

Caraterização dos participantes no estudo

O Berçário é constituído por dez bebés são eles:

- o “D.S”; (05-12-2011);
- o “T.S”; (07-01-2012);
- o “G.C”; (06-03-2012);
- a “D.F”; (07-07-2012);
- o “S.M”; (30-08-2012);
- o “F.C”; (26-08-2012);
- o “D.M”; (11-04-2012);
- a “C.G”; (05-05-2012);
- o “G.A”; (07-06-2012);
- e o “T.A” (23-07-2012).

Nome	Locomoção	Alimentação	Actividade Lúdica	Idade
“C.G”	-senta-se bem sem apoio; -gatinha; -coloca-se de pé agarrado a uma das laterais do parque.	-come bem; -almoça da creche: sopa e fruta; -lanche da creche varia entre papa e iogurte com bolacha e fruta.	-Interage bem com os amigos; - alcança os brinquedos que pretende; - segura bem nos brinquedos com as duas mãos.	10 meses
“D.F”	-ainda não se senta sozinha, só mesmo com apoio.	-come bem; -almoça da creche: sopa e fruta; -lanche da creche: papa ou leite de lata(casa).	-é simpática e interage pouco com os amigos; - brinca com os brinquedos que lhe estão próximos.	4 meses e meio
“D.M”	-anda com ajuda e agarrado às laterais do parque; -gatinha.	- come muito bem; -almoça da creche: sopa e fruta; -lanche da creche: papa intercalada com iogurte e bolacha.	-é muito simpático; -brinca com os amigos e adultos; -é muito sociável.	11 meses
“D.S”	-Senta-se bem sem ajuda; -gatinha; -coloca-se de pé agarrado às	-come muito bem; -almoço e lanche da creche;	- é muito simpático; -brinca com os amigos e adultos;	9 meses

	laterais do parque.	-almoço sopa e fruta; -ao lanche come papa.	-é muito sociável.	
“F.C”	-Senta-se bem sozinho; - desloca-se arrastando o rabo; -não gatinha.	-come muito bem; Almoço da creche: sopa e fruta; -lanche da creche: papa	-é muito sociável gosta de brincar com os amigos e a adultos; - segura bem nos brinquedos com as duas mãos.	6 meses
“G.A”	-senta-se bem sozinho; -gatinha e coloca-se de pé sozinho; - desloca-se agarrado às laterais do parque.	-come muito bem; -almoço de casa: sopa e fruta; -lanche da creche: varia entre papa e leite.	-interage muito com as crianças e adultos; -segura bem nos brinquedos com as duas mãos.	10 meses
“G.C”	-senta-se bem; -gatinha para alcançar o que pretende.	-come muito bem; almoço: sopa e fruta; -lanche: papa intercalada com iogurte.	-interage com crianças e adultos; -gatinha para alcançar os brinquedos.	8 meses
“S.M”	-senta-se com ajuda; -não gatinha; -rebola para alcançar os objectos pretendidos.	-come muito bem; - almoça da creche: sopa e fruta; -lanche da creche: papa alternada com iogurte e bolacha.	- interage com crianças e adultos; - muito sociável e simpática; - agarra bem nos brinquedos com as duas mãos.	6meses
“T.A”	-senta-se bem sem ajuda; -gatinha para alcançar os	-come bem; -almoça da creche: sopa e fruta;	-interage pouco com as outras crianças; -gatinha para	9 meses

	objectos pretendidos.	-lanche de casa: papa.	tentar alcançar os brinquedos; -é simpático.	
“T.S”	-senta-se bem sem ajuda; -gatinha para alcançar os objectos pretendidos; -coloca-se de pé sozinho agarrado às laterais do parque.	-come muito bem; - almoça da creche: sopa e fruta; -lanche da creche: papa alternada com iogurte e bolacha.	-interage com crianças e adultos; -gatinha para alcançar os brinquedos.	10 meses

2.4- Procedimentos

Durante a investigação, despendi a maior parte do meu tempo a observar directamente o grupo alvo, utilizando exclusivamente um bloco de apontamentos e um lápis, complementando sempre todos registos com informação obtida através do contacto direto com o mesmo grupo, no qual trabalho diariamente.

Todas as descrições correspondem fielmente à forma como se processaram, sem que escape nenhum detalhe, de maneira a clarificar minuciosamente a disseminação dos resultados, para posteriormente uma correta análise de dados.

Durante a recolha de dados interagi por vezes com as crianças, mas de forma natural, sem que com isso alterasse a maneira de agir das crianças.

Com este método pretendo compreender melhor a interacção que estas crianças fazem entre si e com os adultos da sala, bem como comunicam e expressam os seus sentimentos através da expressão corporal.

Capítulo III- Análise de Dados

“Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50).

Ao longo do meu estudo baseei-me na observação e registo sistemático do que fui observando e o que considerei pertinente para a minha investigação.

Recorri às notas de campo como instrumento de investigação.

“O trabalho do investigador consiste em procurar semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e questões de importância significativa.” (Bell, 2008, p.183).

À medida que fui lendo cada nota de campo, deparei-me com algumas situações que se repetiam e passei à categorização de cada nota de campo, sendo elas a relação entre pares e relação adulto-criança.

Notas de Campo:

1ª Categoria-Relação entre Pares:

Segundo Schmitt (2008) é durante grande parte do dia que os bebés passam na creche, que estes estabelecem relações sociais, estas relações estabelecem-se em sala desde que são recebidos pela manhã e entregues ao final do dia aos pais. Schmitt (2008) refere ainda, que a organização do espaço influencia nessas mesmas relações sociais, permitindo o encontro entre os bebés por tempos delimitados ou indefinidos durante o período decorrente em creche.

Dia: 27 de Novembro 2012 Hora:9:30h Nota de Campo nº 3

Intervenientes: “D.S” (9 meses) e “T.S” (10 meses) e eu

“...observei o “D.S” que se aproximou do “T.S” e entregou-lhe o brinquedo que tinha nas suas mãos (o caranguejo),o “T.S” agarrou o brinquedo com as duas mãos e levou-o à boca, e

mordeu-o em toda a sua superfície. O “D.S” esticou o braço direito e com a mão direita retirou o brinquedo ao “T.S”, de seguida o “T.S” esticou o braço direito agarrou o brinquedo e retirou-o ao “D.S” e puxou para si o brinquedo. O “D.S” reagiu e mordeu-lhe a mão direita...” (Nota de Campo nº 3, 27 de Novembro de 2012)

Pude observar nas ações das crianças, como elas são capazes de encontrar estratégias para obterem os seus desejos e as suas necessidades realizadas. Como retrata a Nota de Campo acima citada existe uma disputa do mesmo brinquedo entre ambas as crianças, embora o brinquedo estivesse na posse do “D.S”.

O gesto que a criança “T.S” usa de morder o brinquedo, leva-me a crer que como lhe estão prestes a nascer dois dentes, este terá sido o motivo pelo qual mordeu o brinquedo e por sua vez na disputa do brinquedo com a outra criança terá mordido também a mão do “D.S” com o intuito de ficar com o brinquedo em sua posse.

Segundo Schmitt (2008) os comportamentos adotados pelos bebés, que procuram o outro e agem com o outro, descobrem-se, sentindo, tocando, cuidando do outro e experienciando novas situações em que todas elas constituem as relações sociais.

Bakhtin (2003) assegura a linguagem como social, cultural e ideológica, sendo constituída na interação verbal entre dois ou mais sujeitos, a partir de um contexto social comum.

Por toda a ação observada, percebi a importância das interações dos bebés, sendo notória a comunicação que se estabeleceu entre eles.

Dia: 20 de Março 2013 Hora:11:30h Nota de Campo nº 7

Intervenientes: “S.M” (6 meses) e “F.C” (7 meses)

“...Enquanto o “S.M” almoçava o “F.C” olhava para ele e fazia: “ah ah”, o “S.M” olhou para ele e continuou a comer a sopa. O “F.C” continuou a fazer: “ah ah” e sorriu ao mesmo tempo. O “S.M”, voltou a sua cabeça para o lado esquerdo e sorriu. Chamei-o à atenção, dizendo-lhe: “olha a sopa “S.M”. O “F.C”, com a sua mão esquerda puxou a camisola do “S.M”, e este olhou novamente para o “F.C”...” (Nota de Campo nº 7, 20 de Março de 2013)

Ao deparar-me com esta situação, pude constatar a estratégia levada a cabo pela criança “F.C” no sentido de comunicar com a criança “S.M” através do toque e de pequenas sílabas que dirigia à criança “S.M”, é importante realçar que mesmo entre crianças que ainda não falam, os recursos comunicativos são vastos e diversificados à semelhança daquilo que acontecer entre crianças mais velhas, já com o domínio da linguagem verbal. É neste sentido, que o corpo, os gestos, os olhares, os sorrisos, os choros e algumas verbalizações, nos ajudam a compreender como a interação que se estabelece entre os bebés é tão significativa e prepara a utilização futura da palavra como forma privilegiada de comunicação.

Pude observar que a ação de uma criança interfere sempre na acção de outra criança, embora possam estar envolvidas em atividades diferentes, assim como decorreu no exemplo acima citado durante a hora da refeição em que duas crianças queriam interagir uma com a outra.

Segundo os autores Eckerman & Didow, (1988), os bebés, não respondem simplesmente ao comportamento de outra criança, mas respondem sim às diferentes formas de comportamentos apresentadas pela outra criança.

Dia: 22 de Março 2013 Hora: 9:45h Nota de Campo nº 8

Intervenientes: “D.M” (11 meses) e “F.C” (7 meses)

“...O “D.M” colocou-se na posição de gatinhar e com a mão direita empurrou o “F.C” para trás, este caiu e começou a chorar. O “D.M” agarrou-se à lateral do parque, andou agarrado até um dos cantos do parque e sentou-se onde estava um urso de peluche, agarrou no urso de peluche com a mão esquerda e colocou-se de pé agarrado às laterais do parque. O “D.M”, levou o urso de peluche na mão esquerda até junto do “F.C” e deixou o urso em cima da lateral do parque. O “F.C”, esticou a mão esquerda e agarrou o peluche...” (Nota de Campo nº 8, 22 de Março de 2013)

O “F.C” é uma criança que ainda não gatinha, e por isso não consegue deslocar-se para alcançar um objecto, solicita bastantes vezes a atenção do adulto, sempre que outra criança lhe toque ou empurra acaba por chorar tentando apelar sempre ao apoio do adulto.

Ao observar esta situação fiquei perplexa com o facto do “D.M” levar um brinquedo ao “F.C” na tentativa de o consolar a meu ver visto este não conseguir deslocar-se e estar a chorar.

Nesta ação há uma nítida vontade em comunicar patente no “D.M”, manifestada pelo simples gesto de se deslocar de um ponto do parque, onde se encontrava, ao ponto oposto onde estava o “F.C”, que pouco se movimenta, a chorar. Mesmo sem palavras o “D.M” comunicou com o “F.C.” e manifestou um sentido de protecção notória pois consegui abdicar do brinquedo para consolar o “amigo”.

Assim, importa referir que, na medida em que os bebés tomam atitudes uns com os outros, já não se pode encarar como uma ação involuntária, mas sim carregada de sentidos estabelecidos na interação social entre eles. Contudo, é importante observar que nas estratégias de comunicação e ação dos bebés o corpo ganha uma importante dimensão.

A acção de empurrar a outra criança, como fez o “D.M” ao “F.C” é o resultado das situações observadas pelos bebés, que vivenciam e experienciam todas estas situações. Enquanto a linguagem verbal está em processo de desenvolvimento, o corpo, as expressões de olhares, e os gestos são meios de interação entre os bebés, como o exemplo referido anteriormente.

Como enuncia Piccinato (1999), a particularidade da comunicação durante a imitação entre crianças está no olhar, na atenção em direcção ao outro, na aproximação e sincronização das acções, nos comportamentos que permitem inferir que existe uma forma de comunicação entre as crianças mesmo na ausência da fala.

Dia: 27 de Março 2013 Hora: 10h Nota de Campo nº 10

Intervenientes: “E” (7 meses) , “C.G” (10 meses) e “D.M” (11 meses)

“...A “E” tinha um brinquedo de peluche nas mãos, e manuseou-o, fazendo-o girar nas suas mãos. A “C.G”, que se encontrava do seu lado direito, retirou-lhe o mesmo brinquedo das mãos, e começou a rodar o brinquedo, nas suas mãos. O “D.M”, que estava à frente da “C.G”, gatinhou até si e retirou-lhe o brinquedo das mãos. A “C.G”, começou a chorar e a abanar os braços para cima e para baixo, ao mesmo tempo que dizia: “eda, eda”. (Nota de Campo nº10, 27 de Março de 2013)

Pude constatar durante a minha observação que as três crianças sentaram-se em roda sozinhas, sem qualquer ajuda por parte do adulto, foi este facto que me despertou mais atenção, ficando curiosa com o que se iria passar, resolvendo fazer o registo desta situação numa nota de campo.

O meio de comunicação utilizado pelas crianças foi um único brinquedo que passou pelas mãos das três crianças e que cada um explorou à sua vontade.

A meu ver por ser o único brinquedo que estava a ser manuseado e ao alcance das crianças, foi disputado pelas mesmas, pois era um objeto pretendido pelas três.

A “C.G” é uma criança que solicita bastantes vezes a atenção do adulto e quando lhe retiram o brinquedo que tem em sua posse, pronuncia algumas sílabas com o intuito de captar a atenção do adulto. A “C.G” começou há pouco tempo a pronunciar algumas sílabas como as referidas na nota de campo numero 10 e tem-se mostrado bastante comunicativa tanto com as outras crianças como os adultos da sala. É muito expressiva utilizando movimentos corporais, tais como abanar os braços para cima e para baixo e agora também pronunciando pequenas sílabas.

Segundo Santos & Santos (2003) os bebés balbuciam mais quando estão na presença de um adulto do que quando estão sozinhos.

Como refere Schmitt (2008) importa compreender como as diferentes linguagens caracterizam as relações entre as crianças, entre as que já utilizam a fala para interagir, mas também entre aquelas que ainda não desenvolveram a fala. Todas estas diferentes linguagens são constituintes das relações entre as crianças, e também dão significado às suas ações, contribuindo para a construção das suas culturas.

Dia: 12 de Abril 2013 Hora: 10:30h Nota de Campo nº 15

Intervenientes: “G.A” (10 meses) e “F.C” (8 meses)

“...O “G.A”, gatinhou até junto do “F.C” e sentou-se à sua frente. O “G.A” levantou os braços e disse: “ agui agui” e o “F.C” olhou para ele, sorriu e disse: “ada”. O “G.A”, colocou-se na posição de gatinhar, gatinhou até uma das laterais do parque, e colocou-se de pé. O “F.C” esticou a sua mão esquerda e puxou-lhe as calças. O “G.A”, olhou para o “F.C” e

Durante a minha observação, deparei-me com a necessidade de comunicar existente entre as duas crianças, o “G.A”, quando se aproxima do “F.C” e através de movimentos de braços e pequenas sílabas interage com ele.

O “G.A” ao afastar-se do “F.C” fez com que este tentasse alcançá-lo e a forma que usou para atingir o seu objetivo foi puxar-lhe as calças, de modo a ter de novo a atenção para si, em resposta o “G.A” puxa-lhe o cabelo, aparentemente sem conseguir defender-se começou a chorar solicitando a atenção do adulto da sala.

Durante a minha observação pude constatar duas formas distintas de comunicação, para além do olhar que ambas as crianças trocam primeiramente, o diálogo que estabelecem através de pequenas sílabas é notório como posteriormente a comunicação que estabelecem através de contato corporal, a primeira criança ao puxar as calças da outra e a segunda criança ao puxar os cabelos da outra.

Nessa situação estava patente uma sintonia entre as duas crianças no desenrolar de toda a situação e, mesmo sem a fala, eles puderam expressar-se através de pequenas sílabas e também através do choro em sinal de desconforto.

Segundo Schmitt (2008), os diálogos entre os bebés na creche, simbolizam uma forma de contato com o outro, bem como a procura pelo outro, a partir do movimento, dos olhares, dos sorrisos, e toda a necessidade que o próprio ser humano tem em comunicar.

É através do processo de diálogo, que os bebés vão descobrindo em si mesmos e na relação com o outro a diversidade comunicativa que são capazes de estabelecer, pois a comunicação não se limita à fala, mas pelo contrário, comporta um enorme acervo de ações.

Segundo Greenspan (2009), a comunicação pré-verbal desenvolve-se após os 6 a 8 meses de vida. Esta linguagem baseada em gestos, expressões faciais e sílabas, sem qualquer sentido, desenvolvem-se até aos dezoito meses, altura, esta em que surgem as primeiras palavras e o bebé começa a interagir e a comunicar com padrões.

2ª Categoria-Relação Adulto-Criança:

Segundo Hevesi (2004) o adulto neste caso, os educadores de infância têm um papel fundamental perante as situações de comunicação que se estabelecem na sala. É importante que o educador saiba observar e promover a comunicação entre ele e as crianças assim como a comunicação entre os pares. É nas trocas comunicativas, nas brincadeiras, nas interações constantes que se vivem no dia-a-dia da creche, que a criança vai descobrindo novas formas de se fazer entender, que vão, certamente, contribuir para a aquisição da linguagem verbal.

Dia: 15 de Abril 2012 Hora:9:30h Nota de Campo nº 16

Intervenientes: “D.M” (11 meses), “C.G” (10 meses), “F.C” (8 meses) e eu

“Estive sentada no parque de atividades junto do “D.M” e da “C.G” cantei a canção: “palmas, palminhas”, à medida que fui cantando, fui fazendo os gestos de “bater as palmas”, o “D.M” agarrou-se à minha bata, colocou-se de pé e olhou para mim, bateu as palmas e sorriu. Olhei para o “D.M” e disse-lhe: “muito bem “D.M” é assim mesmo”. A “C.G” ao mesmo tempo que cantei a canção olhou para as suas mãos e sorriu, a seguir bateu duas vezes as palmas. O “F.C” que estava num dos cantos do parque a brincar com duas bolas vermelhas de plástico, gatinhou até mim e sentou-se ao meu lado a olhar. Cantei mais uma vez a mesma canção e repeti o gesto de bater palmas. Depois de cantar a canção, segurei as duas mãos do “F.C” e bati uma na outra ao mesmo tempo que cantava a canção.” (Nota de Campo nº 16, 15 de Abril de 2013)

Numa das vezes que cantei e recorri de gestos para o fazer, pude observar as várias reações por parte das crianças que estavam ao meu redor.

À medida que ia cantando batia as palmas, o “D.M” ao observar os meus gestos tentou reproduzi-los e sorriu satisfeito com os seus próprios gestos, mostrando um enorme entusiasmo com esta nova descoberta, incentivei-o a continuar, não só através da alegria que eu própria senti, mas também através de muitas palavras de apreço que lhe fui dizendo.

Já a “C.G” olhava para as suas mãos e tentava perceber como bater as palmas, quando descobriu e teve êxito riu-se muito, manifestando um interesse especial pelo som que conseguia produzir com as mãos.

O “F.C” que estava um pouco afastado do que se estava a passar, veio ao meu encontro e sentou-se ao meu lado a observar o que estava a fazer. Ao

aperceber-me que o “F.C” estava a manifestar vontade de imitar o gesto de bater palmas mas que estava a ter alguma dificuldade em reproduzir esse mesmo gesto, peguei nas suas mãos e exemplifiquei como teria de fazer.

As canções são uma constante na nossa sala, pois as canções são uma das formas mais lúdicas, que o educador tem, para pôr a criança em contacto com a linguagem verbal. A música, o ritmo, as palavras e os gestos que acompanham as canções são muito aliciantes para as crianças, que não só procuram repetir os gestos, como foi referido na nota de campo número 16, mas também tentam repetir os sons que entendem. *“... os educadores devem reconhecer que é importante proporcionar estímulos ao desenvolvimento linguístico, brincando com a linguagem com lengalengas, canções, rimas, trava-línguas...”* (João Costa & Ana Lúcia Santos, 2003, p.75)

Segundo Barbosa (2010) as relações estabelecidas através de diálogos corporais e orais, fazem parte do processo que torna os seres humanos com vontade, capacidade de raciocínio e imaginação.

Dia: 16 de Abril 2013 Hora:10:30h Nota de Campo nº 17

Intervenientes: “D.F” (8 meses) e eu

“Estava sentada no parque de atividades com a “D.F” ao colo... De repente a “D.F” começou a chorar e perguntei-lhe: “o que se passa “D.F”? Porque estás a chorar? Tens sono?” Puxei com o meu dedo indicador a fralda para fora, espreitei e disse: “ ah tens cocó, vamos já mudar a tua fralda”. Peguei na “D.F” ao colo e dirigi-me ao fraldário. Deitei a “D.F” em cima do fraldário, a “D.F” olhou para cima e toquei com a minha mão direita no móbil que está fixo no teto e disse-lhe: “querias que tocasse no móbil”. A “D.F” sorriu e levantou a sua mão esquerda para o móbil. Puxei as calças da “D.F” para baixo e à medida que fui trocando a fralda ia cantando a canção da aranhinha “há uma aranhinha muito pequenina sobe, sobe, sobe com a chuva cai ao chão..” Sempre que dizia: “sobe” fazia deslizar os meus dedos pela barriga acima da “D.F” e quando a letra da música dizia: “ cai ao chão”, deslizava os dedos pela barriga a baixo. A “D.F” riu sempre que deslizava os dedos pela sua barriga. Depois de trocar a fralda disse: “pronto “D.F” já tens a fralda limpa de novo, agora podemos ir brincar mais um pouco...”
(Nota de Campo nº 17, 16 de Abril de 2013)

Perante esta situação, estranhei o fato da “D.F” começar a chorar quando estava a brincar com ela, visto ser uma criança bastante sociável que, na

maioria das vezes, é ela própria que puxa as mãos do adulto para que este brinque com ela.

Ao perguntar-lhe o porquê de estar a chorar apercebi-me que tinha a fralda suja e essa seria a razão de estar a chorar, disse-lhe que lhe iria trocar a fralda de imediato e dirigi-me ao fraldário.

Durante a muda da fralda fui falando com a “D.F.” acompanhando as palavras de gestos e o diálogo, como é costume nestes momentos de intimidade, foi acontecendo, às minhas palavras ela ia respondendo com sons, movimentos corporais e expressões que eram reveladoras do bem-estar que estava a sentir.

A muda da fralda deve ser um momento de intimidade respeitado pelo adulto que deve deixar a criança à vontade para que não se sinta desconfortável. É também um bom momento para comunicar através de carícias, cócegas e canções.

“O contínuo surto de desenvolvimento cognitivo vai afetar todos os momentos do dia do bebé. Não só a altura da refeição, mas também a de mudar a fralda, se tornam oportunidades para a exploração.” (Brazelton, 2009, p.124)

Dia: 17 de Abril 2013 Hora:11:45h Nota de Campo nº 18

Intervenientes: “G.A” (10 meses) e eu

“...O “G.A” começou a esfregar os olhos com as duas mãos, olhou para mim e disse: “ ah ah”. Peguei no “G.A” ao colo e disse: “estás a ficar com sono não é? O “G.A” olhou para mim, puxou a minha bata com a sua mão direita e encostou a sua cabeça no meu ombro. Dirigi-me ao fraldário, troquei-lhe a fralda, tirei-lhe o babete que tinha preso ao pescoço e deitei-o na sua cama. Tapei o “G.A” com o lençol e o édredon, coloquei-lhe a chucha na boca, assim como a fralda de pano junto ao seu rosto. Fui balançando a cama ao mesmo tempo que ia cantando: “Pimpão era um boneco, muito lindo de marfim, de marfim e quando tinha sono, dormia um sono assim...” Sempre que o “G.A” abria os olhos, tocava-lhe no rosto e dizia-lhe: “dorme “G.A” que a Cláudia está aqui.”...” (Nota de Campo nº18, 17 de Abril de 2013)

Durante a minha observação pude constatar que o “G.A” poderia estar com sono pois sempre que está com sono começa por esfregar os olhos.

Quando o “G.A” olha para mim e solicita a minha atenção, puxa a minha bata e encosta a sua cabeça no meu ombro deparei-me que estivesse mesmo com sono. Procedi à sua higiene trocando-lhe a fralda e deitando-o na sua cama.

Dei-lhe todos os objetos que necessita para dormir como a fralda de pano que coloquei junto ao seu rosto e a chucha.

Até adormecer fui cantando uma canção e balançando a cama, por norma o “G.A” costuma adormecer sozinho assim que o deito na cama, mas hoje por alguma razão necessitou um pouco mais de atenção da parte do adulto.

As palavras, as canções, as brincadeiras que estão presentes nas vivências da creche, não só são muito importantes no cimento da relação, como são formas privilegiadas de comunicação facilitadoras da aquisição da linguagem verbal.

Abrantes (2007) refere que o momento em que se canta uma canção de embalar é único, pois permite criar um ambiente calmo e enaltece a cumplicidade entre o bebé e quem canta a canção, afastando todas as preocupações. Para Abrantes (2007), o objetivo principal é o de criar um ambiente tranquilo e sossegado.

Dia: 18 de Abril 2013 Hora:10:30h Nota de Campo nº 19

Intervenientes: “D.F” (9 meses), “S.M” (7 meses) e eu

“...Coloquei o livro de plástico no chão e disse:” vou contar-vos uma história”. Apontei para a capa do livro e disse o título do livro: “ A hora de comer”. “Olhem este menino vai almoçar, vamos ver o que ele vai comer”. Virei a página do livro e a “D.F” esticou de imediato a mão esquerda. Eu disse: “é a sopa, não é “D.F”? “Tu gostas muito de sopa”, olhei para o “S.M” e disse: “e tu, “S.M” também gostas de sopa?” “A seguir também vamos todos comer a nossa sopa”. O “S.M” apontou com o dedo indicador direito para a imagem do livro e puxou de seguida o livro para si. Então disse-lhe: “espera “S.M”, a Cláudia já deixa o “S.M” e a “D.F” mexerem no livro, agora a “D.F” também quer ver as imagens”. Coloquei de novo o livro no chão em frente à “D.F” e ao “S.M” e virei a página que mostrava o segundo prato de comida e disse: “hum que bom é a massa com carne”. O “S.M” olhou para mim e sorriu, a “D.F” estendeu o braço direito e tocou com a mão direita a página do livro. Eu disse: “ a “D.F” também gosta muito da massa com carne não é?” Virei a última página do livro e disse: “Agora que este menino já almoçou, está na hora de também almoçarmos”...” (Nota de Campo nº 19, 18 de Abril de 2013)

As histórias contadas a partir de livros com imagens que as crianças consigam reconhecer com facilidade, é uma situação que vivemos no nosso dia-a-dia.

Nesta situação acima descrita, ao contar a história, fui dizendo o nome das imagens que iam surgindo e incentivei as crianças a repetirem, na sua linguagem, o que ia dizendo ou simplesmente a apontarem as imagens.

À medida que fui contando a história fui interagindo com cada criança e observando cada reacção.

Em geral todas as crianças gostam de manusear os livros livremente, serem elas próprias a virar cada página e até mesmo levar o livro à boca, pois neste caso o livro é de plástico.

Segundo Sandroni e Machado (1998) o amor pelos livros não é um sentimento que surja de repente. É preciso motivar a criança a descobrir o que os livros podem oferecer. Assim, os educadores têm um papel fundamental nesta descoberta ao serem estimuladores e incentivadores da leitura.

A forma como as crianças comunicaram comigo, foi essencialmente através de gestos, movimentos corporais e alguns sons que vão emitindo. Através do toque das suas mãos, do apontar do dedo, do puxar o livro para si, cada criança comunicou comigo de modo a que conseguisse compreender a sua reacção ao livro.

Quis com esta história introduzir novas palavras e incentivar à linguagem verbal, através de simples palavras que estão bem patentes no seu dia-a-dia durante as refeições, pois o livro falava de uma criança que ia comer.

“os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar a sua experiência da vida real.” (Sandroni & Machado, 1998, p.15)

Dia: 19 de Abril 2013 Hora: 7:00h Nota de Campo nº 20

Intervenientes: “T.A” (9 meses) e eu

“...O “T.A” assim que destapei a cara soltou uma gargalhada e apontou para a fralda de pano. Eu disse: “queres que volte a tapar a cara?” Voltei a tapar a cara e disse: “cúcú”, onde está o “T.A”?” E destapei a cara novamente. O “T.A”, puxou a fralda com a mão direita para si e segurou-a junto à sua cara. “Queres que te tape a cara como a Cláudia fez?” Tapei-lhe o rosto e disse: “onde está o “T.A”?” O “T.A”, puxou de repente a

fralda com a sua mão direita para baixo e eu disse: “ah está aqui o “T.A.”.” (Nota de Campo nº 20, 19 de Abril de 2013)

Este foi mais um momento de comunicação bastante lúdico que proporcionei ao “T.A”, visto estarmos só os dois na sala e ainda não ter chegado mais nenhuma criança nem adulto.

Esta brincadeira do cúcú, é sempre um momento que desperta grande atenção e curiosidade da parte da criança, pois está sempre atenta ao que o adulto irá fazer. *“Sempre que tapava a minha cara interagia com o “G.A” falando com ele e fazendo-lhe perguntas tais como: “onde está o “T.A”?” e quando destapava a minha cara a sua expressão era sempre de alegria por me ver e observar a cara que fazia, as gargalhadas eram gerais. “Brincando inúmeras vezes com estas repetições, o bebé consegue dominá-las. Aprende que é capaz de as controlar, de as produzir. Estes jogos preparam o caminho para a comunicação, para mais tarde falar e partilhar o ritmo das conversas” (Brazelton, 2009, p.156)*

Depois deste momento o “T.A”, puxou a fralda de pano que eu usava para tapar a minha cara e colocou-a junto à sua cara, depreendi então que ele quisesse que eu fizesse o mesmo gesto com ele, de lhe tapar a cara e destapar ao mesmo tempo que lhe perguntava onde estava o “T.A” e ao destapar dissesse: “está aqui”. *“ As brincadeiras de tapar e destapar o rosto, são um modo de o bebé começar a testar e a desenvolver expectativas.” (Brazelton, 2009, p.156)*

Através da análise das Notas de Campo, pude observar com mais pormenor as diferentes formas de comunicação entre pares e na relação adulto-criança. Tanto através da linguagem verbal, que o adulto utiliza, como através dos movimentos corporais, das expressões e dos sons da língua materna que as crianças emitem, a comunicação está sempre a acontecer.

Comunicar faz parte da história do bebé desde que nasce. Penso que é importante sublinhar que para um bebé comunicar é imprescindível que alguém deseje comunicar com ele significando, desde o início, os sinais que ele emite.

O enquadramento teórico e a análise das notas de campo foi extremamente importante para significar de uma forma mais fundamentada a afirmação de João dos Santos “ *comunicação significa ligação entre pessoas, coisas e situações com valor de objetos de amor, cuja matriz é a ligação que se estabelece com a mãe, desde os primeiros anos de vida*” (Santos, 1983 citado por Branco, 2010, p.465).

A aquisição da linguagem verbal, sem esta vivência de comunicação, torna-se impossível.

De novo faço apelo às palavras de João dos Santos (1983,p.45) quando afirma “*A comunicação é o esteio da linguagem, mas não é a linguagem. A linguagem é algo que se situa entre as pessoas e que faz parte do património coletivo*”

Considerações Finais

Principio as minhas considerações finais referindo a temática que norteou a pesquisa que realizei: *“A Comunicação do bebê até à aquisição da Linguagem Verbal”*.

O grande objetivo desta pesquisa é, compreender as diferentes formas de comunicação que a criança estabelece, primeiro na relação afetiva com a mãe, depois na relação entre pares, e na relação que privilegia com o educador no decorrer do seu dia-a-dia na creche, assim como compreender o benefício da comunicação na aquisição da linguagem verbal durante o primeiro ano de vida do bebê.

Os limites com que me deparei durante o estudo foram o curto espaço de tempo que tive para realizar a minha investigação.

A partir desta temática surgiram as seguintes questões de partida: “Como é que a relação Mãe-Bebê influencia o aparecimento da Linguagem Verbal?”, “Qual o papel do educador como promotor do desenvolvimento da comunicação na criança?”, “Qual a importância da relação entre pares na aquisição da Linguagem Verbal?”.

Através da minha prática no âmbito da PES (Prática de Ensino Supervisionada), do registo das Notas de Campo, no meu desempenho como auxiliar de infância, bem como toda a pesquisa descrita no referencial teórico permitiram responder às questões que surgiram da temática e que de seguida irei responder.

Foi através das minhas observações e interações que pude, caracterizar os participantes presentes neste estudo e ir de encontro à problemática inicialmente referida.

Através do referencial teórico procurei responder a estas três questões, baseando-me em autores de referência, desde os mais antigos aos mais recentes.

Como é que a relação Mãe-Bebé influencia o aparecimento da Linguagem Verbal?

Ainda que as minhas Notas de Campo descrevam apenas a relação entre pares e a relação entre adulto-criança, considereei muito importante abordar teoricamente esta primeira questão, pois a comunicação que se estabelece na díade é essencial para se poder compreender o valor da comunicação na aquisição da linguagem verbal.

Pude constatar, que cabe à mãe tornar autêntico, tudo o que o bebé deve criar e descobrir. Há entre a mãe e o bebé uma comunicação silenciosa, de profunda confiança, protegendo assim o bebé e transmitindo-lhe um ambiente confortável. Nesta comunicação afetiva as trocas são constantes e a palavra da mãe vai acompanhando todos os gestos de amor que vivem nessa experiência única de total identificação. É a mãe que ao significar o seu bebé vai transmitir-lhe o sentido do mundo que o rodeia. É nesta troca de afetos que ocorre a comunicação.

Segundo Winnicott (1975) os cuidados maternos prestados à criança durante o primeiro ano de vida e todos os processos cognitivos envolvidos, em que surge a comunicação influenciam este mesmo processo.

Pude perceber que o espaço social assim como as relações que os bebés estabelecem são decisivas no seu próprio processo de socialização. A linguagem é um fenómeno humano, que resulta das relações sociais. Por tudo o que acabei de expor posso dizer que foi importante conhecer o processo pelo qual os bebés passam na relação privilegiada que constroem com a mãe, onde se estabelece a primeira linguagem.

Qual o papel do educador como promotor do desenvolvimento da comunicação na criança?

Todos os seus gestos e atitudes perante o mundo são essencialmente expressivos e cada ação está carregada de profundos sentimentos. Cada gesto, cada olhar, assim como o choro ou o riso enquanto estão em interação no dia-a-dia da creche, ganham outras dimensões, deixam de ter um único significado, dando lugar a novas estratégias de comunicação. Ao interagir com os bebés pude aperceber-me das estratégias de comunicação a que recorriam nas interações sempre carregadas de significado.

É importante que o educador esteja bastante atento e recetivo aos diferentes géneros de comunicação, tais como o choro que não representa somente incómodo mas também pode ser de protesto, ou ainda significar desagrado. Os gestos estão sempre relacionados com o que a criança pretende comunicar num certo momento.

O educador deve estar atento a cada bebé, sempre pronto a descodificar os sinais que ele emite acreditando que, a cada instante, eles lhes transmitem informações preciosas e que muito têm a aprender com eles.

Apercebi-me através das minhas observações, da importância de ouvir e manter um olhar atento. Quando registei as minhas notas de campo, um bom ouvido e um olhar, com olhos de ver, faz muita diferença, pois são nos pequenos gestos e expressões que a criança se exprime e interage seja na relação entre pares, seja na relação com o adulto.

Como pude referir em algumas notas de campo, quando os bebés tinham fome, fralda suja ou sono, expressavam-se das mais variadas formas e só um educador atento, consegue responder às necessidades de cada criança.

Concordo que por vezes não é fácil atender a estas necessidades, quando o educador tem à sua responsabilidade muitos bebés, dificultando assim a observação da ação dos bebés e a correta relação entre educador-criança.

É fundamental que o educador respeite cada gesto e expressão da criança, interagindo com ela, interessando-se pelas suas acções, explicando o que vai fazer, por exemplo na muda da fralda ou hora de almoço.

Todos estes atos responsivos tornam a relação entre o educador e a criança uma relação de qualidade.

Importância da relação entre pares na aquisição da Linguagem Verbal?

É através da troca de olhares, das interações, das disputas por um brinquedo, dos toques, dos arranhões, que por vezes levam um dos intervenientes a chorar, que surge a primeira comunicação entre pares. É através destas múltiplas vivências que eles vão construindo o sentido dos outros.

O observar mais minuciosamente todas as ações dos bebés e o modo como comunicam entre eles, demonstrou-me que não os conhecia tão bem como pensava. Embora ainda hoje posso garantir que não os conheço a 100%, posso afirmar que os fiquei a conhecer melhor. Este foi talvez o maior mérito desta pesquisa que realizei.

Muitos outros aspetos poderiam ter sido introduzidos neste estudo, alargando o meu saber e o conhecimento dos bebés.

Outro aspeto que posso realçar é a formação continua. Considero imprescindível que o educador seja reflexivo, que se questione e sinta curiosidade por saber mais.

O alargamento de estudos, realizados por educadores, com o objectivo de refletir as ações realizadas no sentido de ir ajustando cada vez mais as suas respostas às necessidades das crianças, parece-me muito importante.

Investigar o conhecimento acerca das várias expressões dos bebés e do que vivenciam, é certamente o melhor caminho para se alargar e avaliar a educação com bebés.

Concluo as minhas considerações finais com a expressão do desejo de, mais tarde, poder continuar a investigar mais acerca deste tema dando-lhe continuidade ou direccionando-o para outros aspectos que nesta investigação não tive a possibilidade de abordar.

Ao terminar esta investigação muitas outras questões me surgiram, mas com uma certeza eu fiquei, saber mais sobre a criança e o seu envolvimento será sempre uma mais-valia para um educador que respeita e ama a profissão que escolheu.

Referências Bibliográficas

- ABRANTES, E. (2007). *“A canção de embalar: Aproximações” in Interpretação musical teoria e prática*. Lisboa: Colibri;
- BAKEMAN, R. & ADAMSON, L.B. (1984). *Coordenação e Atenção a Pessoas e Objetos- Interação entre mãe e filho na 1ª Infância*. Desenvolvimento Infantil;
- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes;
- BARBOSA, C. (2010). *Prática Pedagógica no Berçário*. Porto Alegre: UFRGS;
- BELL, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva. 4ª Edição;
- BOGDAN & BIKLEN (1994). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora;
- BRANCO, M. (2010). *João dos Santos- Saúde Mental e Educação*. Lisboa: Coisas de Ler;
- BRAZELTON, T. (2009). *O Grande Livro da Criança*. Lisboa: Editorial Presença;
- BRUNER, J. (1968). *O Jogo na Educação*. São Paulo: Nacional;
- CASTRO, M. (1989). *Aquisição da Linguagem*. Campinas: Unicamp;
- COELHO, N. N. (1991). *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo. 4ª Edição;
- CORDAZZO, S.T.D. & VIEIRA, M.L. (2007). *A brincadeira e as suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro;
- COSTA, J. & SANTOS, A. (2003). *A falar como os bebés- O desenvolvimento linguístico das crianças*. Lisboa: Editorial Caminho;
- ECKERMAN, C.O. & DIDOW, S.M. (1988). *Lições retiradas da observação de jovens*. Ala Pediátrica Escandinava;
- FERREIRA, D. L. (2007). *Influência Da Linguagem Musical Na Educação Infantil*. Campo Grande;
- FIAMENGHI, G. A. (1999). *Conversas dos bebés*. São Paulo;
- GALLATTUE, D.L. & OZMUN, J.C. (2003). *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebés, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo;

- GREENSPAN, S. (2009). *A Criança e o seu desenvolvimento*. Lisboa: Editorial Presença;
- HEVESI, K. (2004). *Relação através da linguagem entre a educadora e as crianças de grupo*. São Paulo: Editora J.M.;
- JEADOT, N. (1997). *Explorando o Universo da Música*. São Paulo: Spicione;
- JOSÉ, E. (2007). *Literatura Infantil: ler, cantar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação;
- KISHIMOTO, T.M. (1996). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez;
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária;
- MCLAUGHLIN, S. (2006). *Introdução ao Desenvolvimento da Linguagem*. Delmar Learning;
- MONTESSORI, M. (1983). *A Criança*. Brasil: Editorial Nórdica;
- OLIVEIRA, Z.M.R. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1993). *O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo;
- PEDROSA, M. I. (1994). *A Imitação como um Processo de Construção de Significados Compartilhados. Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto. Brasil;
- PIAGET, J. (1971). *Formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar;
- PICCINATO, C. A. (1999). *Análise de Ações Imitativas com Função de Comunicação entre Bebês em Creches. Monografia de Conclusão de Curso*. Universidade Federal de São Carlos;
- PIERON, H. (1977). *Dicionário de Psicologia*. Porto Alegre: Editora Globo;
- PORTUGAL, G. (2000). *Educação de Bebês em Creche - Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. Infância e Educação. Investigação e Práticas*.
- PORTUGAL, G. (2003). *Crianças, Famílias e Creches- Uma Abordagem ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora;
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Gradiva. 5ª Edição;
- RICHARDS, M. (1981). *O Bebê e o seu Mundo*. Brasil: Editora Hamburg;
- RIDEAU, A. (1977). *Psicologia Moderna 400 Dificuldades e Problemas das Crianças Perguntas e Respostas*. Lisboa: Verbo;

- RIGOLET, S. (1998). *Para uma aquisição precoce e otimizada da linguagem*. Porto: Porto Editora;
- RITZEN, P. (1979). *Psicologia Moderna- dicionário de psicologia da criança*. Lisboa: Verbo;
- ROSA, J. & GAMBLE, J.G. (1998). *Marcha Humana*. São Paulo. 2ª Edição;
- SÁ, E. (2000). *Crianças para Sempre*. Lisboa: Fim de Século Edições;
- SANDRONI, C. L. & MACHADO, L. R. (1998). *A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo. 4ª Edição;
- SANTOS, J. (1982). *Ensaio sobre a educação- I- A criança quem é?*. Lisboa: Livros Horizonte. Coleção Biblioteca do Educador Profissional;
- SANTOS, J. (1983). *Ensaio sobre a educação- II- O falar das letras*. Lisboa: Livros Horizonte. Coleção Biblioteca do Educador Profissional;
- SHMITT, R. (2008). *Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creches*. Florianópolis;
- STAMBAK, M. (2011). *Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos*. Campinas: Autores Associados;
- STERN, D. (1992). *Bebé- Mãe: Primeira Relação Humana*. Lisboa: Salamandra;
- UNESCO. (2005). *A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo*. Brasília;
- VYGOTSKY, L. S. (2000). *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes: São Paulo;
- WALLON, H. (1962). *O papel da imitação da formação e da representação*. Lisboa: Veja;
- WINNICOTT, D.W. (1975). *O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro. Editora: Imago;
- ZAINA, A. (2010). *Por uma didática da literatura na educação infantil*. São Paulo: Editora Duetto;

Anexos

Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Brincadeira livre

Data: 26 de Novembro de 2012

Hora: 9:15h (aproximadamente 7 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.S” e “T.S”

Sexo: os dois do sexo masculino

Idade: 9 meses e 10 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>- Sentei-me no parque, encostada a uma das laterais e observei o “D.S” que agarrou uma bola vermelha com as duas mãos e a elevou, largando-a de seguida, a seguir gatinhou até outro brinquedo desta vez um caranguejo de plástico (que emite sons variados quando se aperta), gatinhou com esse mesmo brinquedo na mão direita até alcançar outro brinquedo, desta vez maior, que também emite sons variados quando se carrega nas mais diversas imagens da quinta (representa uma mini quinta, com alguns animais).</p> <p>- O “T.S” que estava do meu lado direito sentado, começou a gatinhar e foi ao encontro do mesmo brinquedo (a quinta) e experimentou carregando nos mais variados botões sonoros e sorriu ao ouvir os sons.</p> <p>- Tanto o “D.S” como o “T.S” disputaram o mesmo brinquedo puxando cada um, o brinquedo para si, primeiro começou o “D.S” e depois o “T.S”, repetiram o mesmo movimento três vezes até que o “T.S” começou a chorar e pegou noutro brinquedo que se encontrava ao seu lado uma bola de tecido que ao ser agitada emitia o som de</p>	<p>- O “D.S” interessa-se sempre por brinquedos que emitem sons.</p> <p>- Não perde tempo com o mesmo brinquedo e se vê outro brinquedo que lhe desperte a atenção como por exemplo se emite som, larga o brinquedo com o qual está a brincar e vai ao encontro do brinquedo sonoro.</p> <p>O brinquedo é um excelente mediador que leva à comunicação entre eles.</p> <p>- Esta comunicação surge na maioria das vezes sob a forma de disputas.</p> <p>- Quando não consegue ter o que quer o “T.S” começa a chorar pra chamar a atenção, visto ter sido contrariado.</p>

um guizo.	
-----------	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para Piaget (1971), quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui.

“Quando oferecemos música e um ambiente sonoro em diferentes situações, permitimos que bebês e crianças iniciem, intuitivamente, seu processo de musicalização. Escutando os diferentes sons de brinquedos, dos objetos, do ambiente e do próprio corpo, há observação, descoberta e reacções”. (UNESCO, 2005,p.17)

“A criança brinca para buscar prazer, para controlar ansiedade, para estabelecer contatos sociais, para realizar a integração da personalidade, por fim para comunicar-se com as pessoas”. (WINNICOTT,1975, p. 32)

O “T.S” é uma criança que sempre que é contrariada, ou quando uma criança lhe retira um brinquedo que este tem em sua posse, chora e olha para o adulto de modo a captar a sua atenção e a fim de lhe pedir ajuda.

O “D.S” tem preferência por objetos sonoros, e se alguma criança mesmo fora do seu alcance manuseie um objecto sonoro, este não hesita e vai ao seu encontro para retirar-lhe o mesmo objecto.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Brincadeira livre

Data: 26 de Novembro de 2012

Hora: 11.30h (aproximadamente 4 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “T.S” e “G.C”

Sexo: os dois do sexo masculino

Idade: 10 meses e 8 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada do lado de fora do parque de atividades e observei o “T.S” a brincar com um brinquedo que emite sons, atirou com o brinquedo para o chão e colocou-se em cima do mesmo, bateu com os pés várias vezes em cima do brinquedo, ao mesmo tempo que se agarrava a uma das laterais do parque.- Largou o brinquedo que tinha aos seus pés e agarrou num telemóvel de plástico que tinha do seu lado direito no chão.- O “G.C” gatinhou ao encontro do “T.S” e tentou tirar-lhe das mãos o telemóvel de brincar, mas sem sucesso, porque o “T.S” não deixou, empurrou com a sua mão direita o “G.C” e puxou para si o telemóvel.- O “G.C” acabou por olhar para mim e fazer beicinho, mas como não reagi nem dei resposta, gatinhou na direção de um cubo de tecido que se encontrava no canto oposto ao que se encontravam os dois.	<ul style="list-style-type: none">- A atração pelos brinquedos que emitem sons é uma constante nesta idade.- Usou os pés de modo a explorar desta forma o brinquedo;- Serviu-se do parque como apoio, assim conseguiu estar de pé e em cima do brinquedo.- Não respondi à criança pois quis que tentasse resolver o problema sozinha.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

“A brincadeira também pode ser uma importante fonte de comunicação, pela qual a criança exprime sentimentos como angústia, ansiedade, dor, alegria, agressividade, novas experiências e contatos sociais” (Cordazzo,2003 & Vieira,2007, p.90).

Para Jeandot (1997) o som prende a atenção das crianças e o contato com o objeto viabiliza a interação com o mundo sonoro, pois o objeto produz sons e desperta à criança para atitudes de gestos variados. Como recurso auditivo a música está presente desde o nascimento da criança e estará contribuindo no seu desenvolvimento e compreensão do mundo.

Sempre que uma criança solícita a minha atenção, seja porque outra criança lhe retirou o brinquedo, ou simplesmente porque a tocou, dou espaço para que a criança possa reagir e tentar resolver o seu problema. Mesmo que a criança olhe para o adulto, ou chore não costumo ir de imediato ao seu encontro, observo e tento que ultrapasse essa mesma situação sozinha.

Porém, quando reparo que a criança não consegue resolver o problema sozinha, vou ao seu encontro e intervenho de modo a que a criança não fique frustrada com a incapacidade de solucionar o seu problema.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Brincadeira livre

Data: 27 de Novembro de 2012

Hora: 9:30h (aproximadamente 5 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.S” e “T.S”

Sexo: os dois do sexo masculino

Idade: 9 meses e 10 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Sentei-me num dos cantos do parque e observei o “D.S” que se aproximou do “T.S” e entregou-lhe o brinquedo que tinha nas suas mãos (o caranguejo), o “T.S” agarrou o brinquedo com as duas mãos e levou-o à boca, e mordeu-o em toda a sua superfície.- O “D.S” esticou o braço direito e com a mão direita retirou o brinquedo ao “T.S”, de seguida o “T.S” esticou o braço direito agarrou o brinquedo e retirou-o ao “D.S” e puxou para si o brinquedo.- O “D.S” reagiu e mordeu-lhe a mão direita.- Intervim e disse: ““ai ai” “D.S”, não se morde o “T.S””.- Retirei o brinquedo das mãos do “T.S” e coloquei de imediato gelo na mão do “T.S”.	<ul style="list-style-type: none">- Mas como estão prestes a nascer dois dentes ao “T.S”, poderá ser por esse motivo que o levou a morder o brinquedo com força, é através da boca que a criança adquire o conhecimento do mundo que a rodeia.- O “D.S” queria o brinquedo e mordeu o “T.S” de forma a conseguir o mesmo brinquedo.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- Henri Wallon (1962) escreveu que assim a criança constrói o seu "eu corporal". "É nessa fase, em que ela testa os limites do próprio corpo, onde o dela acaba e começa o da outra pessoa".

- Segundo Kishimoto (1996) os brinquedos devem ser comprados de acordo com a idade, a capacidade e a área de interesse da criança. O mesmo classifica os brinquedos como: brinquedos de berço: móveis, chocalhos, bichinhos de vinil, brinquedos para olhar, ouvir, pegar e morder são valiosos para a estimulação sensorial e motora da criança.

- *"A brincadeira e os jogos permitem uma flexibilidade de conduta e conduz a um comportamento exploratório até a consecução do modelo ideal de se portar com o próximo, resultado de experiências, conflitos e resoluções destes."* (BRUNER, 1968, p.32).

Possivelmente como estão a nascer os dentes ao "D.S", este sempre que tem um objecto ao seu alcance morde-o, talvez para aliviar o seu desconforto. Neste caso em concreto, o "T.S" tinha em sua posse o brinquedo que o "D.S" pretendia e mordendo o "T.S" julgaria a meu ver, que iria resolver o seu problema.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Desenvolvimento motor

Data: 27 de Novembro de 2012

Hora: 9:20h (aproximadamente 4 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: "D.S"

Sexo: masculino

Idade: 9 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O "D.S" estava no parque a brincar sozinho e gatinhou para alcançar os brinquedos que estavam à sua frente mas afastados. Agarrou num brinquedo de tecido com a mão esquerda, fê-lo rodar com as duas mãos e largou-o.- Colocou as duas mãos bem assentes no chão e com as pontas dos pés também assentes no tapete levantou o resto do corpo, ficou com as duas mãos e os dois pés no chão; depois olhou para mim e sorriu.- De seguida gatinhou e colocou-se de pé apoiado numa das laterais do parque.	<ul style="list-style-type: none">- Foi a primeira vez que vi o "D.S" levantar todo o corpo apoiado nos membros superiores e inferiores.- O "D.S" começou a colocar-se de pé apoiado nas laterais do parque há pouco tempo.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- *“Entre os 7 a 9 meses de idade, o bebê inicia a locomoção com apoio, os membros superiores da criança serão usados como suporte para manter o equilíbrio- fase de transição que conduz à deambulação independente”.* (ROSE, GAMBLE, 1998, p.34).

- *“Trata-se de um treino, onde a criança começa a transferir o peso do corpo sobre um dos membros inferiores fixos”*
(GALLAHUE, OZMUN, 2003; SHEPHERD, 2002, p.45).

- Até há pouco tempo atrás, o “D.S” não conseguia deslocar-se, mantinha-se sentado e apenas brincava com os brinquedos que estavam ao seu alcance. Agora que começou a rastejar e a colocar-se de pé agarrado às laterais do parque, já se desloca mais facilmente até onde quer e alcança todos os objetos pretendidos, sem requerer tanto a atenção do adulto, embora solicite sempre um incentivo, a cada conquista quando olha para o adulto, em troca de um sorriso ou incentivo.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Refeição

Data: 28 de Novembro de 2012

Hora: 8:40h (aproximadamente 6 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.F” e eu

Sexo: feminino

Idade: 4 meses e meio

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada do lado de fora do parque e observei a “D.F” que estava sentada num assento e brincava com um ursinho de peluche que ao ser manuseado emite um som.- De repente olhou para mim e começou a chorar, vou ao seu encontro, limpei-lhe as lágrimas e disse-lhe: “não chores, estou aqui” e sentei-me ao seu lado, agitei o mesmo brinquedo com a minha mão direita.- A “D.F” voltou a chorar, peguei na “D.F” e dirigi-me à bancada de muda de fralda, e troquei-lhe a fralda que tinha um pouco de chichi.- Coloquei a “D.F” de novo no assento que se encontrava dentro do parque de atividades e sentei-me ao seu lado, mas a “D.F” voltou a chorar novamente, peguei na “D.F” ao colo e esta fez um som com os lábios como a sugar, sentei-a uma vez mais no parque e fui preparar-lhe o biberon.- Preparei o biberon de leite, peguei na “D.F” ao colo e dei-lhe o leite, a “D.F” agarrou-se à minha bata com a mão esquerda enquanto me fixava os	<ul style="list-style-type: none">- próprio para a sua idade, de modo a que não faça qualquer esforço para a sua coluna.- poderia estar com a fralda suja.- poderia estar com fome.

olhos e bebeu o leite todo de seguida.
- Sentei-a direita no meu colo para arrotar e voltei a sentá-la no parque de atividades, onde agarrou de imediato no brinquedo que estava à sua frente, uma bola de plástico vermelha e não voltou a chorar.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- Segundo Brazelton (2009, p.62) Qualquer choro é interpretado como um pedido de ajuda. Brazelton, refere que existem pelo menos seis tipos diferentes de choro: fome, dor, fadiga, desconforto, descarga emocional e aborrecimento.

- Richards (1981) refere que é através do choro que o bebé demonstra que tem fome, ao mesmo tempo movimenta o seu corpo, voltando a cabeça a fim de localizar o mamilo e prendê-lo com os lábios. A este reflexo dá-se o nome de reflexo cardinal.

Neste caso, a “D.F” chorava porque tinha fome, pois tinha chegado mais cedo à creche, mas inicialmente pensei que quisesse apenas um maminho ou atenção, daí ter tentado várias formas responder ao seu pedido de ajuda. Depois de beber o leite todo a “D.F”, não voltou a chorar e brincou durante algum tempo com os brinquedos que tinha ao seu alcance, sem solicitar a atenção do adulto.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Durante o almoço

Data: 18 de Março de 2013

Hora: 11:15h (sensivelmente 5 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.M”

Sexo: masculino

Idade: 11 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O “D.M” estava no parque de atividades e chorava agarrado às laterais do parque, ao mesmo tempo que olhava para o adulto.- Dei a chucha ao “D.M”, passei-lhe a mão pela cabeça e continuei a dar o almoço ao “T.A”.- O “D.M” olhou para mim e continuou a chorar, de seguida encostou a cabeça, a uma das laterais do parque, e olhou para mim.- Peguei no “D.M” ao colo, limpei-lhe as lágrimas, troquei-lhe a fralda e deitei-o na sua cama.	<ul style="list-style-type: none">- Pensei que o “D.M” estivesse apenas a solicitar a minha atenção, pois estava a dar o almoço ao “T.A”- Já tinha almoçado, e como hoje chegou, mais cedo ao berçário, poderia estar com sono.- Passado pouco tempo de o ter deitado o “D.M” adormeceu.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “D.M”, está habituado a dormir um pouco de manhã, mas como está prestes a passar para a sala de um ano, está a ser-lhe retirada gradualmente a sesta da manhã. Por isso, suponho, que depois de almoço, o “D.M”, já estivesse com sono.

- “ Sendo o principal objectivo da linguagem a comunicação, o choro pode ser visto como a pré-história da linguagem.” (João Costa & Ana Lúcia Santos, 2003, p.83)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Durante o almoço

Data: 20 de Março de 2013

Hora: 11:30h (cerca de 4 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada

Intervenientes: “S.M” e “F.C”

Sexo: Masculino e Masculino

Idade: 6 meses e 6 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada a dar o almoço ao “S.M” e o “F.C” estava sentado numa cadeira alta de plástico, ao seu lado.- Enquanto o “S.M” almoçava o “F.C” olhava para ele e fazia: “ah ah”, o “S.M” olhou para ele e continuou a comer a sopa. O “F.C” continuou a fazer: “ah ah” e sorriu ao mesmo tempo.- O “S.M”, voltou a sua cabeça para o lado esquerdo e sorriu. Chamei-o à atenção, dizendo-lhe: “olha a sopa “S.M”.”- O “F.C”, com a sua mão esquerda puxou a camisola do “S.M”, e este olhou novamente para o “F.C”.- Dei um brinquedo de plástico sonoro ao “F.C”.- Terminei de dar o almoço ao “S.M”, e mantive-o sentado na cadeira alta, por breves instantes.	<ul style="list-style-type: none">- O “F.C” já tinha almoçado e estava sentado na cadeira alta, para não bolsar a sopa, como é hábito. Por norma, as crianças depois de almoçarem, permanecem um pouco sentadas.- O “F.C”, ao estar sentado ao lado do “S.M”, chamava-lhe a atenção puxando-o para si e emitindo alguns sons.- O “S.M”, distrai-se muito facilmente, e sempre que ouve algum som, olha para todos os lados, a fim de descobrir de onde vem esse som.- Neste ritual penso que o desejo de comunicar esteve claramente frente à minha intervenção, teve que acontecer pois o almoço do “D.M” estava em causa.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- Segundo os autores Eckerman & Didow, (1988), os bebês, não respondem simplesmente ao comportamento de outra criança, mas respondem sim às diferentes formas de comportamentos apresentadas pela outra criança.

Pode-se constatar que a ação de uma criança interfere sempre na ação de outra criança, embora possam estar envolvidas em atividades diferentes. E neste caso bem preciso na hora da refeição em que as duas crianças queriam interagir uma com a outra através do toque e de pequenas sílabas.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Brincadeira Livre

Data: 22 de Março de 2013

Hora: 9:45h (sensivelmente 4 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.M” e “F.C”

Sexo: Masculino e masculino

Idade: 11 meses e 7 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O “D.M” e o “F.C”, estavam sentados junto a uma das laterais do parque.- O “D.M” colocou-se na posição de gatinhar e com a mão direita empurrou o “F.C” para trás, este caiu e começou a chorar.- O “D.M” agarrou-se à lateral do parque, andou agarrado até um dos cantos do parque e sentou-se onde estava um urso de peluche, agarrou no urso de peluche com a mão esquerda e colocou-se de pé agarrado às laterais do parque.- O “D.M”, levou o urso de peluche na mão esquerda até junto do “F.C” e deixou o urso em cima da lateral do parque.- O “F.C”, esticou a mão esquerda e agarrou o peluche.- O “D.M”, gatinhou até junto de um brinquedo amarelo de plástico.	<ul style="list-style-type: none">- O “F.C” ainda não gatinha, e sempre que cai sozinho, ou quando outra criança o empurra, chora, para solicitar a atenção do adulto.- Quando observei esta situação nem quis acreditar no que estava a presenciar, o facto do “F.C” não conseguir deslocar-se e alcançar um objecto, o “D.M” foi ao seu encontro e largou o objecto que tinha na sua mão no colo do “F.C”.- Posso pensar que neste ritual houve uma tentativa de consolar o “F.C”

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “F.C”, ainda não se desloca, e mantém-se sempre na mesma posição, ou está deitado ou sentado.
- Sempre que alguma criança lhe toca ou empurra, o “F.C”, cai desamparado no parque de atividades, e chora ao mesmo tempo que olha para o adulto, para chamar a sua atenção.
- Fiquei deveras sensibilizada pela atitude que o “D.M” teve em relação ao “F.C”, embora possa ter sido um ato involuntário, o que é certo é que dadas as circunstâncias do “F.C” não conseguir-se deslocar para alcançar qualquer objecto, o “D.M”, foi ao seu encontro e deixou o objecto que trazia consigo junto do “F.C”.
- Como enuncia Piccinato (1999), a particularidade da comunicação durante a imitação entre as crianças está no olhar, na atenção em direção ao outro, na aproximação e sincronização das ações, nos comportamentos que permitem inferir que existe uma forma de comunicação entre as crianças mesmo na ausência da fala.
- Segundo os autores Eckerman & Didow (1988), os bebés, não respondem simplesmente ao comportamento de outra criança, mas respondem sim às diferentes formas de comportamentos apresentadas pela outra criança.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Brincadeira Livre

Data: 26 de Março de 2013

Hora: 11:45h (sensivelmente 6 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.M” e “F.C”

Sexo: Masculino e masculino

Idade: 11 meses e 7 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada no parque de atividades, junto de todas as crianças a escrever os cadernos individuais de cada criança.- Assim que me sentei, o “D.M” veio ter comigo, olhou para mim e disse: “da”, olhou de seguida para o caderno que estava a escrever, e com o seu dedo indicador direito, apontou para as palavras já escritas.- Olhou para mim, e disse: “da” e voltou a apontar para as palavras que estavam escritas no caderno.- De seguida, bateu com as duas mãos sobre o caderno, olhou para mim, sorriu e gatinhou até um brinquedo, sonoro que estava ao seu alcance.	<ul style="list-style-type: none">- O “D.M” sempre que estou sentada no parque vem ao meu encontro e ao observar um objecto diferente que neste caso era o seu caderno, tocava e olhava para mim, ao tocar no caderno sentia a sua textura e ao bater com a mão poderia ouvir o som que produzia.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “D.M”, começou há poucos dias a pronunciar algumas sílabas, como: “da”, “ada”.
- Aponta tudo o que vê, solicitando sempre, a atenção do adulto, sempre que este está por perto.
- Enquanto escrevia o seu caderno diário, o “D.M”, manteve-se sempre junto a mim e apontava para a maior parte das palavras que escrevia e olhava para mim sempre com um sorriso.
- *“Os bebés têm a vista na ponta dos dedos, querendo tocar em tudo o que lhes desperte curiosidade, tentando perceber como funciona...” (Eduardo Sá, 2000, p.51)*
- Segundo Zaina (2010), as crianças entre os seis meses e um ano de idade, devem ter contacto com livros que permitam a livre exploração e manipulação, dos mais variados estilos e materiais tais como: cartolina, tecido, plástico, feltro com ilustrações grandes e coloridos, facilitadores à aquisição da linguagem.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

10

Situação: Brincadeira Livre

Data: 27 de Março de 2013

Hora: 10h (sensivelmente 5 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “E”, “C.G” e “D.M”

Sexo: Feminino, feminino e masculino

Idade: 7 meses, 10 meses e 11 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- A “E”, a “C.G” e o “D.M” estavam sentados em roda, no parque.- A “E”, tinha um brinquedo de peluche nas mãos, e manuseou-o, fazendo-o girar nas suas mãos.- A “C.G”, que se encontrava do seu lado direito, retirou-lhe o mesmo brinquedo das mãos, e começou a rodar o brinquedo, nas suas mãos.- O “D.M”, que estava à frente da “C.G”, gatinhou até si e retirou-lhe o brinquedo das mãos.- A “C.G”, começou a chorar e a abanar os braços para cima e para baixo, ao mesmo tempo que dizia: “eda, eda”.	<ul style="list-style-type: none">- Sentaram-se sozinhos em roda, sem qualquer interferência do adulto.- A “C.G”, ainda não se desloca e brinca no mesmo sítio com os brinquedos que tem ao seu alcance.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- A “C.G”, ainda não se desloca e mantém-se sentada ou deitada, sempre que alguma criança lhe tira o brinquedo, a “C.G” chora e abana os braços, ao mesmo tempo que olha para o adulto, a fim de captar a sua atenção.
- Há pouco tempo a “C.G”, começou a pronunciar algumas sílabas, dirigindo-se tanto ao adulto como às outras crianças, está bastante comunicativa.
- *“Os bebés balbuciam mais quando estão na presença de um adulto do que quando estão sozinhos” (João Santos & Ana Lúcia Santos, 2003, p.86)*
- *“As mãos são os instrumentos da inteligência humana”. (Maria Montessori, 1983, p.144)*
- Oliveira e Rossetti-Ferreira, (1993), diz-nos que o desenvolvimento humano é, uma construção partilhada, na qual tanto a criança como os seus parceiros constroem-se nas interações que estabelecem e no ambiente gerado tanto como espaço social de experiência, como enquanto condição/instrumento desenvolvimento.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

11

Situação: Depois do almoço

Data: 1 de Abril de 2013

Hora: 11:50h (sensivelmente 10 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “G.C” e eu

Sexo: Masculino e feminino

Idade: 12 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O “G.C”, agarrou-se a uma das laterais do parque, colocou-se de pé, e começou a chorar com a chucha na boca.- O “G.C”, olhou para mim e continuou a chorar, deixou cair a chucha, para fora do parque de atividades.- Apanhei a chucha do chão, lavei-a e coloquei a chucha na boca do “G.C”.- O “G.C”, continuou a chorar e olhou para mim, peguei no “G.C” ao colo, limpei-lhe a cara e sentei-o ao meu colo.- Passado sensivelmente 5 minutos, de o “G.C”, estar ao meu colo, este acabou por acalmar-se e deixou de chorar, encostando a sua cabeça, junto ao meu peito ao mesmo tempo que eu lhe ia dizendo: “pronto já passou, não chores, a Cláudia dá um maminho ao “G.C”.	<ul style="list-style-type: none">- O “G.C”, esteve ausente durante 3 semanas, pois esteve doente.- O “G. C”, poderia estar mais sensível, pois este muito tempo ausente.- Penso que a forma que “G.C” usou para chamar a minha atenção foi através do choro.- O “G.C” solicita sempre a atenção do adulto sempre que este está próximo, e neste caso fui eu, que estava junto a si.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “G.C”, esteve ausente da creche, 3 semanas, pois esteve doente, esteve sempre com os avós em casa, e por isso requer mais atenção e compreensão da parte do adulto. Pede mais atenção e mimos, só está bem ao colo do adulto.
- “Através do choro, os bebés comunicam diferentes sentimentos.” (João Costa & Ana Lúcia Santos, 2003, p.83)
- “As relações estabelecidas através dos diálogos - corporais e orais -, fazem parte do processo que nos torna seres humanos ou sujeitos com vontade, com capacidade de raciocínio e imaginação” (Barbosa, 2010, p. 85).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Brincadeira Livre

Data: 4 de Abril de 2013

Hora: 11:10h (sensivelmente 3 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: "C.G"

Sexo: Feminino

Idade: 10 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- A "C.G", estava sentada no parque de atividades, com um brinquedo de plástico amarelo, que tem no meio, um urso azul também de plástico.- A "C.G", fez girar o brinquedo com os dedos ao mesmo tempo que dizia: "ma ma".- A "C.G", deixou cair o brinquedo, agitou os braços para cima e disse: "ada, ada".- Depois olhou para mim e sorriu.- De seguida, voltou a pegar no mesmo brinquedo, fez girar o urso azul com os dedos e disse: "ma ma".- Voltou a largar o brinquedo e agarrou num livro de tecido colorido que estava do seu lado direito.	<ul style="list-style-type: none">- Como a catarina ainda não gatinha, nem consegue deslocar-se sem ajuda do adulto, brinca apenas com os brinquedos que tem ao seu alcance.- Há pouco tempo que a catarina pronuncia algumas sílabas tais como: "ada" e "ma ma", ao mesmo tempo que manuseia os brinquedos, interage com as outras crianças e quando se dirige aos adultos.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- A “C.G”, à poucos dias começou a pronunciar algumas sílabas, e quando está a brincar, ou mesmo quando uma criança ou adulto se a próxima de si diz: “ada ada”, ou então: “ma mã” e sorri sempre que o adulto lhe dirige a palavra.
- “Assim, que a criança emite um determinado som de forma arbitrária e independentemente do contexto, é provável que esteja apenas a exercitar diferentes tipos de sons”. (João Costa & Ana Lúcia Santos, 2003, p. 85)
- Entre os três e os doze meses, o bebé já tenta juntar os sons aos seus gestos corporais, recorrendo na maior parte das vezes às mãos e aos braços.
- Segundo Greenspan (2009), a comunicação pré-verbal desenvolve-se após os 6 a 8 meses de vida. Esta linguagem baseada em gestos, expressões faciais e sílabas, sem qualquer sentido, desenvolvem-se até aos dezoito meses, altura, esta em que surgem as primeiras palavras e o bebé começa a interagir e a comunicar com padrões.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

13

Situação: Brincadeira Livre

Data: 8 de Abril de 2013

Hora: 11:35h (sensivelmente 5 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: "G.C" e "eu"

Sexo: Masculino

Idade: 12 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada no parque de atividades, junto das outras crianças que brincavam livremente.- O "G.C", aproximou-se de mim a gatinhar, tocou com as duas mãos nas minhas pernas, olhou para mim e sorriu.- Com a sua mão direita, agarrou no meu dedo indicador esquerdo e apontou para todas as imagens que estavam na parede.- À medida que ia apontando cada imagem, ia dizendo: "aé aé".	<ul style="list-style-type: none">- O "G.C", começou agora a agarrar nos dedos do adulto e a apontar tudo o que tem ao seu alcance, sejam imagens coladas nas paredes, sejam objectos que estejam junto a si.- Ao mesmo tempo que apinta, olha para o adulto, sorri e diz: "aé aé".

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- Em conversa com a mãe do “G.C”, soube que o “G.C”, em casa, aponta tudo e agarra sempre um dedo do adulto, na maior parte das vezes, o indicador, para apontar qualquer objecto que pretenda, ao mesmo tempo que sorri para o adulto.
- Não mantém este gesto, com nenhuma criança, apenas com adultos.
- A comunicação torna-se cada vez mais precisa. O desejo de comunicar leva a criança a encontrar formas cada vez mais subtis para “falar” com o outro.
- “Em breve começa a explorar o seu mundo com os dedos. Aponta para objectos para chamar a atenção dos adultos que a rodeiam. O polegar e o indicador são utilizados para explorar os rostos dos adultos que lhe são queridos.” (Brazelton, 2009, p. 135)
- “Os bebés têm a vista na ponta dos dedos, querendo tocar em tudo o que lhes desperte curiosidade, tentando perceber como funciona...” (Eduardo Sá, 2000, p.51)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Durante a sesta

Data: 9 de Abril de 2013

Hora: 14:30h (sensivelmente 6 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (dormitório)

Intervenientes: "G.C"

Sexo: Masculino

Idade: 12 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada numa cadeira, fora do parque de atividades, a escrever os cadernos diários de cada criança.- O "G.C", que estava na sua cama, agarrado com a mão direita na cama, colocou-se de pé, puxou a cortina com a mão esquerda, e sorriu para mim.- Largou a cortina e com a mão direita puxou a cortina para si e de seguida soltou-a.- Agarrou novamente a cortina com a mão esquerda e espreitou por entre as grades da cama.- Soltou a cortina novamente, deitou-se e acabou por adormecer.	<ul style="list-style-type: none">- O "G.C" adormece sozinho na sua cama, mas até adormecer, costuma puxar a caixinha de musica que tem presa à cabeceira da cama, coloca-se de pé agarrado às grades da cama e até interage com as outras crianças através de pequenas sílabas.- Julgo que não conseguia adormecer, porque me via do outro lado da cortina, daí estar sempre a destapá-la, mas terá sido vencido pelo cansaço, daí ter adormecido. Este afastar da cortina tornou-se numa brincadeira, como forma de comunicar com o adulto.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- Como a cama do “G.C,” fica junto às cortinas e às portas do dormitório, o “G.C”, desde que começou a colocar-se de pé na cama, agarra-se às grades da sua cama, e com as mãos afasta a cortina para espreitar para o lado do berçário, sorri e volta a soltar a cortina.
- Repete este gesto, algumas vezes até adormecer, sempre sem chorar, este afastar da cortina tornou-se uma brincadeira que o ajudou a adormecer.
- O Educador nesta fase importante da vida do bebê, deverá sorrir intencionalmente, estabelecer um diálogo comunicativo com este, reconhecer que é um modelo de referência e por isso deve ter em atenção tudo o que faz no que respeita ao bebê, deve proporcionar experiências diversificadas, treinar atitudes comunicativas eficazes, deve saber respeitar o tempo e o espaço do bebê para que este não se sinta forçado a nada e possa exprimir-se da melhor forma, nunca esquecendo a individualidade de cada criança.
- “Também os seus sonos durante o dia são perturbados, quando pratica na cama as novas habilidades. Pode ser cada vez mais difícil deitá-lo.” (Brazelton, 2009.p.140)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

15

Situação: Brincadeira Livre

Data: 12 de Abril de 2013

Hora: 10:30h (sensivelmente 3 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: "G.A" e "F.C"

Sexo: Masculino e masculino

Idade: 10 meses, 8 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O "G.A" e o "F.C", estavam os dois no parque de atividades a brincar cada um com o seu brinquedo.- O "G.A", gatinhou até junto do "F.C" e sentou-se à sua frente.- O "G.A", levantou os braços e disse: "agui agui" e o "F.C", olhou para ele, sorriu e disse: "ada".- O "G.A", colocou-se na posição de gatinhar, gatinhou até uma das laterais do parque, e colocou-se de pé.- O "F.C", esticou a sua mão esquerda e puxou-lhe as calças.- O "G.A", olhou para o "F.C" e puxou-lhe o cabelo.- O "F.C" começou a chorar agarrado a uma das laterais do parque ao mesmo tempo que olhava para mim.- Eu, fui buscar a chucha do "F.C", passei a mão pela sua cabeça e disse-lhe: "já passou".- O "F.C" parou de chorar e arrastou-se até um brinquedo de plástico sonoro.	

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “F.C”, não gatinha, mas consegue deslocar-se onde pretende chegar, arrastando-se na posição de sentado.
- O “G.A” desde que começou a gatinhar, gatinha até onde quer, para ele não existem obstáculos, nem mesmo as outras crianças, quando resolve sentar-se ao seu colo. Enquanto com o adulto passa por cima das suas pernas, se estas estiverem no seu caminho.
- O “G.A” interage sempre com as crianças que estão perto de si, assim como, com os adultos.
- Segundo Greenspan (2009), a comunicação pré-verbal desenvolve-se após os 6 a 8 meses de vida. Esta linguagem baseada em gestos, expressões faciais e sílabas, sem qualquer sentido, desenvolvem-se até aos dezoito meses, altura, esta em que surgem as primeiras palavras e o bebé começa a interagir e a comunicar com padrões.
- A brincadeira e os jogos permitem uma flexibilidade de conduta e conduz a um comportamento exploratório até a consecução do modelo ideal de se portar com o próximo, resultado de experiências, conflitos e resoluções destes (BRUNER, 1968).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

16

Situação: Brincadeira Livre

Data: 15 de Abril de 2013

Hora: 9:30h (sensivelmente 7 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.M”, “C.G”, “F.C” e eu

Sexo: Masculino, feminino e masculino

Idade: 11 meses, 10 meses e 8 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estive sentada no parque de atividades junto do “D.M” e da “C.G” cantei a canção: “palmas, palminhas”, à medida que fui cantando, fui fazendo os gestos de “bater as palmas”, o “D.M” agarrou-se à minha bata, colocou-se de pé e olhou para mim, bateu as palmas e sorriu.- Olhei para o “D.M” e disse-lhe: “ muito bem “D.M” é assim mesmo”.- A “C.G” ao mesmo tempo que cantei a canção olhou para as suas mãos e sorriu, a seguir bateu duas vezes as palmas.- O “F.C” que estava num dos cantos do parque a brincar com duas bolas vermelhas de plástico, gatinhou até mim e sentou-se ao meu lado a olhar.- Cantei mais uma vez a mesma canção e repeti o gesto de bater palmas.- Depois de cantar a canção, segurei as duas mãos do “F.C” e bati uma na outra ao mesmo tempo que cantava a canção.- A “C.G”, desviou o olhar para um brinquedo amarelo de plástico com um urso azul no meio, o “D.M” gatinhou até uma das laterais do parque e colocou-se de pé, o “F.C” olhou para um livro de tecido e agarrou-o com a mão direita.	<ul style="list-style-type: none">- Penso que a “C.G”, sorriu ao bater as palmas pois ouviu o som que produzia e pela sensação que transmitia através do tato.- O “F.C” ao ver que o “D.M” e a “C.G” estavam junto a mim, deve ter ficado curioso para perceber e tentar reproduzir o que estávamos a fazer.- Ao observar que o “F.C” tinha algumas dificuldades em repetir o gesto de bater as palmas, tentei ajudá-lo exemplificando com as suas próprias mãos.- Apercebi-me que já não estariam interessados em cantar a canção e fazer os gestos, pois estavam focados noutros pontos de interesse.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Um dos momentos que suscita mais atenção da parte das crianças são as canções, e por isso estas são uma constante em sala.

Escolhi esta canção porque para além do som as crianças podem fazer os gestos característicos da canção, ao mesmo tempo que trabalham a coordenação motora.

É também através das canções que as crianças começam a ter contato com a linguagem verbal e tentam repetir os sons que entendem.

“... os educadores devem reconhecer que é importante proporcionar estímulos ao desenvolvimento linguístico, brincando com a linguagem com lengalengas, canções, rimas, trava-línguas...” (João Costa & Ana Lúcia Santos, 2003, p.75)

Segundo FERREIRA (2007), as brincadeiras em roda incluem poesia, música e dança, e são muito apreciadas pelas crianças, pois na maior parte das vezes está patente o movimento.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

17

Situação: Higiene

Data: 16 de Abril de 2013

Hora: 10:30h (sensivelmente 10 minutos)

Local: Berçário A Floresta Encantada (parque de atividades)

Intervenientes: “D.F” e eu

Sexo: feminino

Idade: 8 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estava sentada no parque de atividades com a “D.F” ao colo a cantar a canção: “Tomba La Lã” à medida que ia cantando fui fazendo o gesto de a baloiçar no meu colo, baloicei a “D.F” para a frente e para trás, quatro vezes seguidas.- De repente a “D.F” começou a chorar e perguntei-lhe: “o que se passa “D.F”? Porque estás a chorar? Tens sono?”- Puxei com o meu dedo indicador a fralda para fora, espreguei e disse: “ ah tens cocó, vamos já mudar a tua fralda”.- Peguei na “D.F” ao colo e dirigi-me ao fraldário.- Deitei a “D.F” em cima do fraldário, a “D.F” olhou para cima e toquei com a minha mão direita no móbil que está fixo no teto e disse-lhe: “querias que tocasse no móbil”.- A “D.F” sorriu e levantou a sua mão esquerda para o móbil.- Puxei as calças da “D.F” para baixo e à medida que fui trocando a fralda ia cantando a canção da aranhinha “há uma aranhinha muito pequenina sobe, sobe, sobe com a chuva cai ao chão..” Sempre que dizia: “sobe” fazia	<ul style="list-style-type: none">- Estranhei a “D.F” chorar, porque a “D.F” é uma criança que ela própria puxa as mãos do adulto para que este exemplifique o movimento de baloiçar.- Ao sentir um cheiro estranho, espreguei a fralda, pois suspeitava que tivesse cocó e visto a “D.F” estar também a chorar”.- Ao ver a “D.F” olhar para o móbil assim que a deitei no fraldário pensei que quisesse que eu o fizesse mover.- Escolhi esta canção porque como posso fazer o gesto de subir e descer à medida que canto a canção.- Penso que a “D.F” tem cócegas, pois sempre que lhe toco encolhe-se e ri-se.

deslizar os meus dedos pela barriga acima da “D.F” e quando a letra da música dizia: “ cai ao chão”, deslizava os dedos pela barriga a baixo.

- A “D.F” riu sempre que deslizava os dedos pela sua barriga.

- Depois de trocar a fralda disse: “pronto “D.F” já tens a fralda limpa de novo, agora podemos ir brincar mais um pouco” e sentei-me com a “D.F” a brincar com um brinquedo de plástico sonoro.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- A “D.F” é uma criança que interage muito com o adulto e solicita na maior parte das vezes a sua atenção.

- A rotina de mudar a fralda não deve ser vista apenas como mais uma rotina, mas sim de mais um momento íntimo entre a criança e o adulto, pois algumas crianças, que não é o caso da “D.F”, não gostam de trocar a fralda e choram.

- Na muda da fralda a criança deve sentir-se bem, acarinhada e ter a atenção individualizada do adulto, este é um dos momentos de intimidade vivida pela educadora com cada criança.

- “O contínuo surto de desenvolvimento cognitivo vai afetar todos os momentos do dia do bebé. Não só a altura da refeição, mas também a de mudar a fralda, se tornam oportunidades para a exploração.” (Brazelton, 2009, p.124)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

18

Situação: Sesta

Data: 17 de Abril de 2013

Hora: 11:45h (sensivelmente 10 minutos)

Local: parque de atividades e dormitório

Intervenientes: "G.A" e eu

Sexo: Masculino

Idade: 10 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- O "G.A" esteve no parque de atividades a brincar com um carro de plástico, enquanto olhava para o carro manuseou-o ao mesmo tempo.- O "G.A" começou a esfregar os olhos com as duas mãos, olhou para mim e disse: "ah ah".- Peguei no "G.A" ao colo e disse: "estás a ficar com sono não é?"- O "G.A" olhou para mim, puxou a minha bata com a sua mão direita e encostou a sua cabeça no meu ombro.- Dirigi-me ao fraldário, troquei-lhe a fralda, tirei-lhe o babete que tinha preso ao pescoço e deitei-o na sua cama.- Tapei o "G.A" com o lençol e o édredon, coloquei-lhe a chucha na boca, assim como a fralda de pano junto ao seu rosto.- Fui balançando a cama ao mesmo tempo que ia cantando: "Pimpão era um boneco, muito lindo de marfim, de marfim e quando tinha sono, dormia um sono assim..."- Sempre que o "G.A" abria os olhos, tocava-lhe no rosto e dizia-lhe: "dorme "G.A" que a Cláudia está aqui."- Quando adormeceu, aconcheguei-lhe os lençóis e a fralda junto ao seu rosto.	<ul style="list-style-type: none">- Penso que estivesse com sono, pois sempre que está com sono esfrega os olhos.- A fralda de pano é uma amiga inseparável que ajuda no adormecer.- O "G.A" costuma adormecer sozinho na cama, e por norma balança-se um pouco na cama e acaba por adormecer, mas penso que hoje quisesse um pouco mais de atenção e daí ter-lhe cantando uma canção calma à medida que fui balançando a cama.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

- O “G.A” é por norma uma criança sempre muito bem-disposta, sorri para os adultos da sala e interage com eles através de pequenas sílabas e quando tem sono, começa por esfregar os olhos e por vezes chega a chorar ao mesmo tempo que olha para o adulto.
- Começo sempre por tentar perceber se todos estes sinais, são manifestações de sono ou cansaço. Assim que deitei o “G.A” e me apercebi que seria mesmo sono, cantei-lhe uma canção para que fosse mais fácil adormecer, visto que mesmo com sono, o “G.A” não adormece simplesmente com o facto de o deitar na sua cama, um pouco de diálogo e atenção prestada neste momento é o ideal para que possa acabar por adormecer.
- “ Deitem-no na cama enquanto ainda está acordado. Dêem-lhe um pano ou um brinquedo para se aconchegar. Sentem-se junto dele e dêem-lhe palmadinhas.” (Brazelton, 2009, p.151)
- “Alguns bebés sentem necessidade de se balançar para conseguirem autoconforto”. (Brazelton, 2009, p.151)
- Abrantes (2007, p.173) refere que o momento em que se canta uma canção de embalar é único, pois permite criar um ambiente calmo e enaltece a cumplicidade entre o bebé e quem canta a canção, afastando todas as preocupações. O que é importante é que o bebé consiga adormecer. Para Abrantes, o objetivo principal é o de criar um ambiente tranquilo e sossegado.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

19

Situação: Atividade

Data: 18 de Abril de 2013

Hora: 10:30h (sensivelmente 8 minutos)

Local: parque de atividades

Intervenientes: “D.F”, “S.M” e eu

Sexo: feminino e masculino

Idade: 9 meses e 7 meses

Outros indicadores de Contexto:

Enquanto realizei a atividade com estas duas crianças, as outras quatro crianças estavam com a auxiliar da sala a brincar no parque de atividades.

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estive sentada no parque de atividades com a “D.F” e o “S.M” à minha frente.- Coloquei o livro de plástico no chão e disse:” vou contar-vos uma história”.- Apontei para a capa do livro e disse o título do livro: “ A hora de comer”.- “Olhem este menino vai almoçar, vamos ver o que ele vai comer”.- Virei a página do livro e a “D.F” esticou de imediato a mão esquerda.- Eu disse: “é a sopa, não é “D.F”?”- “Tu gostas muito de sopa”, olhei para o “S.M” e disse: “e tu, “S.M” também gostas de sopa?”- “A seguir também vamos todos comer a nossa sopa”.- O “S.M” apontou com o dedo indicador direito para a imagem do livro e puxou de seguida o livro para si.- Então disse-lhe: “espera “S.M”, a Cláudia já deixa o “S.M” e a “D.F” mexerem no livro, agora a “D.F” também quer ver as imagens”.- Coloquei de novo o livro no chão em frente à “D.F” e ao “S.M” e virei a	<ul style="list-style-type: none">- É evidente a atenção que prestam às imagens do livro, pois são imagens que fazem parte do seu dia-a-dia.- O “S.M” é uma criança que sempre que vê alguém com um objecto, tentar retirar-lho e neste caso possivelmente seria o livro, pois também era um livro diferente dos que já tinha visto antes no berçário.

<p>página que mostrava o segundo prato de comida e disse: “hum que bom é a massa com carne”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O “S.M” olhou para mim e sorriu, a “D.F” estendeu o braço direito e tocou com a mão direita a página do livro. - Eu disse: “ a “D.F” também gosta muito da massa com carne não é?” - Virei a última página do livro e disse: “Agora que este menino já almoçou, está na hora de também almoçarmos” - Dei o livro à “D.F” e um brinquedo ao “S.M”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Julgo que neste caso estariam mais interessados em manusear o próprio livro, explorá-lo livremente do que estarem apenas sentados a ouvir o que estava a dizer sem que pudessem tocar no livro livremente. - Depois de ter terminado a história dei o livro à “D.F” para poder explorar o livro e dei um brinquedo ao “S.M” para brincar enquanto a “D.F” explorava o livro.
---	---

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Uma das atividades que desperta bastante atenção nas crianças é contar as histórias e manusear o próprio livro, para desta forma perceberem as texturas e as diferentes formas de o explorar, com as mãos ou com a boca.

Quis com esta história de imagens introduzir novas palavras como as que estão bem patentes durante o seu dia-a-dia e neste preciso caso durante as refeições.

Despertar o gosto pelos livros e incentivara curiosidade, o que poderia estar na página a seguir, visto ambos puxarem o livro para si.

“os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar a sua experiência da vida real.” Sandroni & Machado (1998, p.15)

Segundo Sandroni e Machado (1998, p.16) o amor pelos livros não é um sentimento que surja de repente. É preciso motivar a criança a descobrir o que os livros podem oferecer. Assim, os educadores têm um papel fundamental nesta descoberta ao serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Segundo Coelho (1991), na primeira infância a criança começa a reconhecer o mundo que a rodeia através do contato afetivo e do tato. É por isso que ela sente necessidade de pegar ou tocar em tudo o que estiver ao seu alcance.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

20

Situação: Atividade

Data: 19 de Abril de 2013

Hora: 7.00h (sensivelmente 6 minutos)

Local: parque de atividades

Intervenientes: “T.A” e eu

Sexo: masculino

Idade: 9 meses

Outros indicadores de Contexto:

Estava sozinha no berçário apenas com o “T.A”, pois ainda não tinha chegado mais nenhuma criança.

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none">- Estive sentada no parque de atividades com o “T.A” sentado à minha frente e usei a sua fralda de pano que tinha junto a si e tapei a minha cara, ao destapá-la disse: “cúcú, olá “T.A”.- O “T.A” assim que destapei a cara soltou uma gargalhada e apontou para a fralda de pano.- Eu disse: “queres que volte a tapar a cara?”- Voltei a tapar a cara e disse: ““cúcú”, onde está o “T.A”?” E destapei a cara novamente.- O “T.A”, puxou a fralda com a mão direita para si e segurou-a junto à sua cara.- “Queres que te tape a cara como a Cláudia fez?”- Tapei-lhe o rosto e disse: “onde está o “T.A”?”- O “T.A”, puxou de repente a fralda com a sua mão direita para baixo e eu disse: “ah está aqui o “T.A”.	<ul style="list-style-type: none">- Penso que terá achado graça o facto de ter tapado a cara e ter destapado de seguida, de ter desaparecido e voltar a aparecer- Julgo que ao apontar para a fralda de pano, quisesse que voltasse a fazer o mesmo gesto de tapar a cara.- Ao colocar a fralda junto à sua cara depreendi que quisesse que exemplificasse o gesto de tapar e destapar a cara em si.- Esta brincadeira desperta sempre uma reação divertida nas crianças.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A interação que acontece neste caso entre mim e o “T.A”, foi bastante lúdica e divertida para os dois, pois tanto ele se ria do que eu estava a fazer como eu também já estava a ser motivada a continuar a brincadeira de tapar e destapar a cara.

O “T.A” é uma criança que olha bastante para as expressões do adulto, se este lhe sorri, ele sorri também mas se este o olha de forma mais séria consegue fixar os olhos no adulto sem soltar sequer um sorriso.

“ As brincadeiras de tapar e destapar o rosto, são um modo de o bebé começar a testar e a desenvolver expectativas.” (Brazelton, 2009, p.156)

“Brincando inúmeras vezes com estas repetições, o bebé consegue dominá-las. Aprende que é capaz de as controlar, de as produzir. Estes jogos preparam o caminho para a comunicação, para mais tarde falar e compartilhar o ritmo das conversas” (Brazelton, 2009, p.156)

